

BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1901

N.º 66



CONSELHEIRO ANTONIO MARIA PEREIRA CARRILHO

Director geral da Contabilidade Publica, secretario geral do Ministerio da Fazenda, deputado em numerosas legislaturas, presidente do conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, e antigo jornalista, o sr. conselheiro Pereira Carrilho é um dos altos funcionarios que tem mais larga folha de serviços publicos. Subia pelo valor e pelo trabalho nos cargos que exerce. E' este o seu maior elogio.

Em conjuncturas difficeis e melindrossas ora para a situação financeira do Thesouro, ora para as negociações com os credores externos, ora para os interesses da Companhia Real, tem o sr. Carrilho desempenhado nas grandes capitães européias a missão de representar ora a Companhia ora o Governo; e a fórma por que á esse alto cargo se desempenha sempre é tão correcta e tão util que n'entra conjunctura a seguir é elle de novo o escolhido para identica missão.

Afastado ha tempo do parlamento, vai de novo honral-o na proxima legislatura com o seu vasto conhecimento dos negocios e a sua experiencia utilissima de antigo parlamentar. E' por todas estas razões que o seu retrato illustra hoje esta pagina.

Não é somente na Europa, na Ásia e na África, que se debatem questões inquietadoras para a paz do mundo. Também a América vem agora dar o seu contingente para aumentar o desasosiego das chancelarias e ainda mais abalar a confiança das nações n'essa era de tranquilidade ha tanto tempo prometida, mas que afinal, como no supplicio do pobre Tantaló, não chega nunca!

Sem se saber bem porquê, porisso que para a Europa as causas reaes do actual conflicto não por ora muito obscuras, estalou a guerra entre a Columbia de um lado e a Venezuela e parece que o Equador, se bem que esta ultima Republica aparentemente queira conservar-se neutral. Diz-se que o motivo da guerra é o terem os governos do Equador e Venezuela fomentado uma revolução na Columbia para derrubarem o governo clerical ali no poder, e em represalia haver a Columbia invadido com tropas a fronteira venezuelana para por sua vez derrubar o governo franco-maçon, que d'ali promove a propaganda anti-clerical nos estados vizinhos.

A questão em si pouca importancia tem. E' mais uma das muitas rixas, que periodicamente na America central e meridional se dão entre os irrequietos Estados, em que se fraccionou o colossal imperio fundado pelos successores de Colombo. O que, porém, torna o conflicto venezuelo-columbiano grave, são os interesses que andam ligados ás regiões onde elle se debate.

Como se sabe, o istmo de Panamá está situado no territorio da Columbia, e se porventura as operações militares até ali se estenderem, como de facto já principiou a acontecer, a guerra através do istmo ficará interrompido, com importantissimo prejuizo do commercio europeu e americano, que por ali faz o seu caminho.

E' em presença d'esta contingencia, que a opinião publica tanto nos Estados Unidos como na França e na Inglaterra começa a alarmar-se. Pelo tratado de 12 de julho de 1848 os Estados Unidos obrigaram-se a garantir de modo effectivo a neutralidade do istmo de Panamá, como do fim de evitar que o livre transitó entre os dois mares fosse interrompido em qualquer tempo. Pelo mesmo tratado ainda os Estados Unidos se comprometeram a garantir de identica maneira os direitos de soberania e a propriedade que a Nova-Granada, actualmente um dos novos estados da Columbia, tem e exerce sobre o mencionado territorio. Foi porisso que em 1885, quando a revolução colombiana se alastrou até ao Panamá, o governo americano mandou prontamente navios aos dois lados do istmo, desembarcou tropas e procedeu por esse meio a fazer a guerra com all mantida e a insurreição por conseguinte ser dominada.

Ainda outra vez, quando a revolta ao cabo de poucos mezes se ateiou de novo, o governo federal tomou iguaes medidas.

A pergunta que agora occorre, é a seguinte: o que fará actualmente os Estados Unidos em presença da guerra e da revolução que n'este momento ameaçam o livre transitó do istmo, quando as obrigações do tratado de 1848 persistem as mesmas, e a ellas accrece a tendencia imperialista de imprimir novo vigor á expansão americana?

Não é difficil conhecer a atmosphera politica de Washington, responder a esta interrogação. Os Estados Unidos procederão hoje como procederam em 1885; e se a guerra entre as duas Republicas não termina em breve, vel-os-hemos provavelmente tomar posse com as tropas federaes das duas testas do caminho de ferro do Panamá. A *American Review of Reviews* vai mesmo mais longe do que advogar uma simples occupação militar, pois aconsella ao governo a compra do istmo, afim de que ali domine exclusivamente, do mesmo modo do que no projectado canal de Nicaragua, a America do Norte.

Mas este é o ponto delicado da questão.

A Europa em geral e a França em particular estão demasiadamente interessadas no Panamá para verem com bons olhos, e até consentirem sem protesto, que os Estados Unidos dominem no istmo com exclusão das outras potencias. A França sobretudo invoca não só o interesse geral, que compartilha com a Inglaterra e a Alemanha para a neutralização da via commercial mais importante entre o Atlantico e o Pacifico, mas tambem o especial direito que para ella deriva dos valiosos capitães que no Panamá tem collocados, sem probabilidade de os reaver, e a que, segundo informações mais ou menos dignas de credito, se devem juntar 30 milhões de libras collocados em certas empresas na America central, contigua como se sabe ao istmo.

Nestes termos o protesto da França, provavelmente fililhado por mais alguma nação europea, assume caracter de accentuada gravidade. Até onde irá, porém, este protesto? Tratando-se dos Estados Unidos é difficil de fazer prognosticos. A Republica franceza ha-de no entanto pensar duas vezes antes de se aventurar n'um conflicto com a poderosa Republica americana, donde com certeza só poderia resultar para ella inevitavel desastre. E não podendo levar a melhor o mais prudente é contemporizar, principalmente se da contemporização lhe poderem advir algumas compensações.

O telegrapho, no seu desesperador laconismo, acaba de nos transmitir uma noticia, que decerto a estas horas já está preoccupando as chancelarias europeias. Morreu o emir do Afghanistan, parece que de repente, pois nem era demasiadamente velho (nascera em 1845), nem estava doente, que se soubesse. Os proprios ingleses, os mais interessados em tudo quanto no Afghanistan acontece, foram colhidos de surpresa.

Embora só mais tarde se possam conhecer os pormenores do fallecimento, a ninguém desde já passará despercebida a alta importan-

cia d'esta morte, sobretudo no momento actual, em que a situação da Inglaterra na Africa do sul pôde despertar na Russia o appetite de intervir em Cabul, no caso de se dar qualquer difficuldade na successão do finado emir.

A linguagem da imprensa de Londres, que igualmente o telegrapho nos transmite, traduz bem o justificado sobralto, que em todo o imperio britannico o facto produzio. Abdur Rahman Khan era um amigo fiel da Inglaterra, e podemos acrescentar um amigo poderoso, porisso que a organização que elle tinha dado ao exercito afghan, a extraordinaria energia de que dera tantas provas, e o amor levado ao excesso da independencia do seu paiz, eram para a Grã-Bretanha penhor seguro de que por esse lado nada tinha a India que temer, podendo inteiramente descansar na vigilancia do emir. Com Abdur Rahman a theoria do *estado-auxiliario* (état-tampon) entre o imperio indiano e as possessões russas da Asia central, não era uma simples ficção. Tinha a realidade que lhe advinha da força e do prestigio do senhor da vasta região que separava as duas potencias rivaes.

Com a morte do emir tudo pôde variar, se porventura o filho e o successor d'elle, o principe Habi-Bullah, não lograr subir ao throno sem opposição. E mesmo que por agora não encontre obstaculos, e que possa ser proclamado sem derramamento de sangue, só o futuro mostrará se o novo imperante tem o pulso do seu antecessor, e se possui capacidade administrativa que o egualo ao emir fallecido.

O perigo de uma colisão russo-inglesa n'esta parte da Asia está no eventualidade de disturbios em Cabul, que de novo a Russia protexto para intervir na politica do emirado. Este perigo proximo não exclue a existencia de um perigo mais remoto, originado pelo accrescimento da influencia russa no Afghanistan. No entanto, como é imminente, preoccupa mais. O outro haverá tempo de o combater e de o evitar.

A historia do defuncto Abdur Rahman é de sobejo conhecido. Filho de Afzal Khan revoltou-se contra o emir Schir-Ali, que expulsou de Cabul fazendo proclamar o pae em seu lugar. Shir-Ali não se deu por vencido.

Em 1868 começou a guerra de desforra, e com tanta felicidade que recuperou novamente o poder, obrigando Abdur Rahman a expatriar-se e a procurar refugio em Tashkend, já territorio russo n'essa época. Um incidente, porém, occorrido d'ahi a algum tempo fez-o perder novamente o throno. Tendo sido assassinados em Cabul sir Luis Cavagnari e todos os membros da legação britannica, os ingleses mandaram o príncipe general Roberts (o actual lord Roberts), apoderaram-se da cidade, depois de renhido combate, e installáram outra vez como emir Abdur Rahman. Passou-se isto em 1880.

Déde então o emir conservou-se fiel á Inglaterra, testemunhando-lhe uma amizade, que intriga alguma conseguia abalar. Em 1885 as tropas russas atacáram as forças afghans em Koch, fazendo d'este facto guerra conflicto, que esteve a ponto de resultar de uma guerra entre a Inglaterra e o imperio moscovita. Em 1895 os ingleses realisáram um tratado com o emir, em virtude do qual occuparam o Kafiristan.

Com a morte d'Abdur Rahman as relações do imperio anglo-indiano, e especialmente as da India com o emirado, vão soffrer inevitavel alteração, pondo em foco mais um novo aspecto da eterna rivalidade da Russia e da Inglaterra, que durante muitos annos apenas se manifestou no Bosphoro, na chamada questão oriental, mas que actualmente se desdobra além d'esta, n'uma questão da Asia central — no Afghanistan — e ainda no golpho Persico.

E já que falámos no golpho Persico, não podemos deixar de nos referir ao conflicto surgido ultimamente em Koweyt, aparentemente entre ingleses e turcos, mas no fundo entre ingleses e a influencia russo-alemã, que é a que n'estas paragens se esforça por firmar a preponderancia. Aos russos move-os o cume de vér proximo do imperio persas, que elles já consideram como presa certa, e uma soberania, embora pequena, mas que lhes não obedece incondicionalmente e que por isso elles não podem converter em instrumento das suas ambições. Os allemes são levados a combater a influencia inglesa em Koweyt, porque não lhes convem que ella domine n'um porto que hade ser a futura testa do caminho de ferro, cuja concessão lhes pertence, de Constantinopla ao valle do Euphrates. N'estas condições Anglo-Russias a Russia apenas o testa de ferro a trabalhar por conta alheia. Como quer que seja, porém, por conta d'outros ou por sua propria, o certo é que ultimamente o governo ottomano tentou desembarcar tropas em Koweyt, contra vontade do sheikh da localidade, que a isso se oppoz. Um navio de guerra inglese estacionado nas aguas do porto não consentio no desembarque, e os turcos tiveram de voltar sem haverem conseguido o que desejavam. Para justificar o seu procedimento os ingleses invocam em primeiro logar a necessidade de não ser alterado o *status quo* no golpho Persico, o que affectaria os interesses da defesa do imperio indiano, e depois o facto de desde 1870 Koweyt ter gozado de uma real e quasi formal independencia, embora no tempo de Solimão o Magnifico se considerasse como parte integrante do imperio ottomano. A questão está provisoriamente resolvida com a retirada dos turcos; mas ninguém dirá que mais tarde não possam d'este lado surgir novas complicações. Lembremo-nos, com effeito, de que Koweyt é o natural ponto limite do futuro caminho de ferro alemão de Bagdad.

A nova Camara Municipal de Lisboa

(Commissão Administrativa)



CONDE D'AVILA
Presidente da commissão administrativa



CONDE DE SABROSA
Depois nomeado governador civil substituto de Lisboa,
ora em exercicio



BARÃO DE ALMEIDA SANTOS
Proprietario



CONSELHEIRO MATEUS DOS SANTOS
Director do Banco de Portugal



THEODORO FERREIRA PINTO BASTOS
Proprietario e negociante



FRANCISCO SOMMER
Industrial



DR. A. MORAES CARVALHO SOBRINHO
Medico



JOSÉ BELLO
Industrial



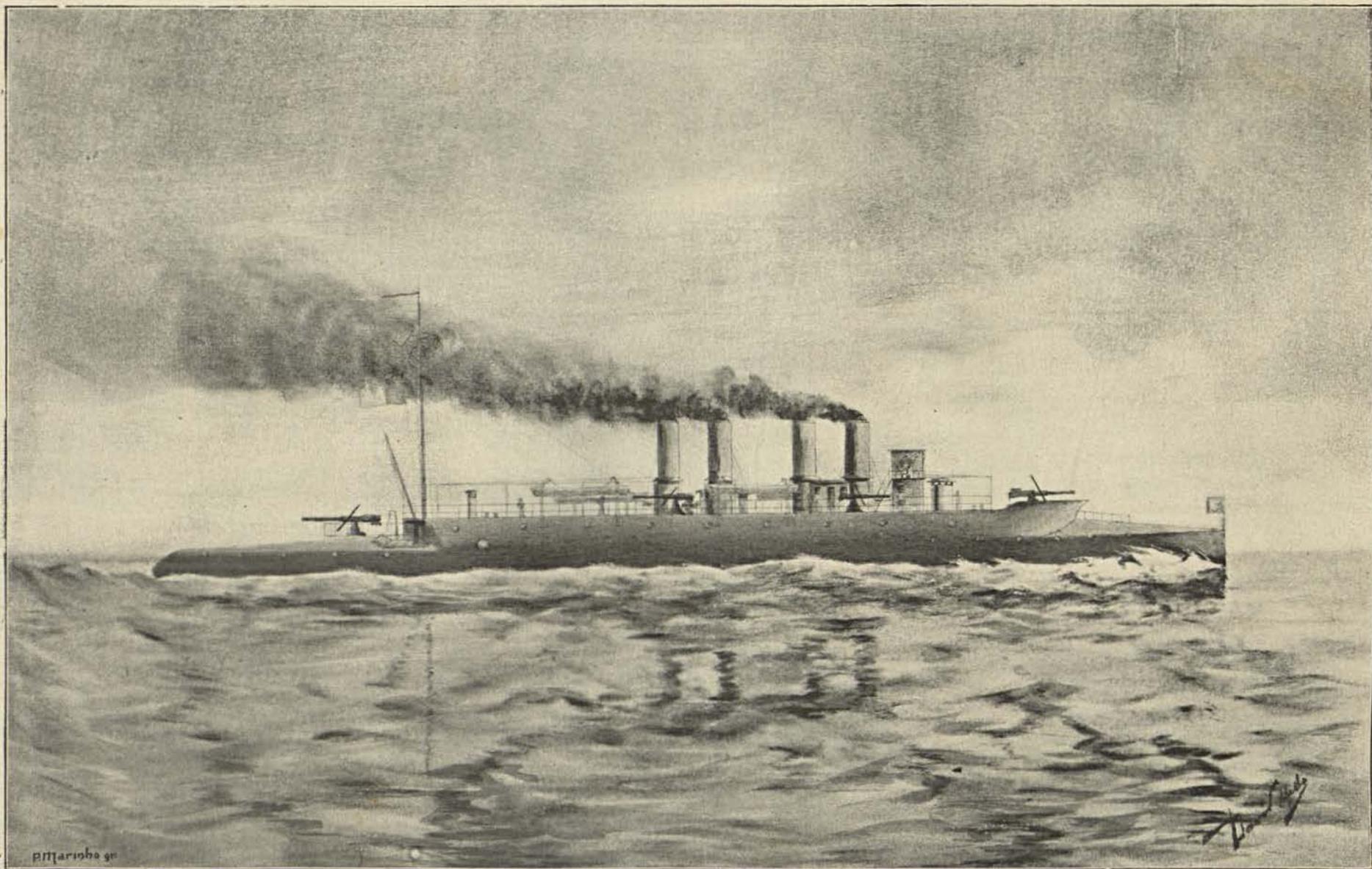
DR. AFFONSO LOPES VIEIRA
Advogado



JERONYMO JOSÉ MONTEIRO
Capitão de engenharia



D. LUIZ DE CASTRO
Agronomo



Segundo um desenho de DAVID DEZMELLO

A canhoneira-torpedeira TEJO

Construida no Arsenal de Marinha, em Lisboa, que deve ser lançada ao mar em um dos ultimos dias d'este mez e que tem a velocidade de 30 milhas por hora.



à vista do exposto, e depois de assim estudado e contemplado o VIEIRA LUSITANO, quanto não conviria que os nossos juvenis artistas se compenetrassem d'esta lucida verdade!:

A Arte, sob qualquer das formas que revista, não nos foi dada para desmoralisar, mas para ser a moralisadora universal, a mais suave, a mais bemvinda das esforçadoras. Honrar a Arte é servir a humanidade, e glorificar o Creator.

O que é a Arte? é a imitação apaixonada e idealizada das obras divinas. Aquella que só vive de torpezas não merece o seu titulo senão com mil restricções.

— Mas — dizem os que não crêem em Arte — para que é tentar imitar um original inimitavel? admiremos a obra de Deus, este nosso assombroso Universo, e não tenhamos a veledade quasi impia de o querer imitar.

Respondo: essas tentativas de imitações são enthusiasmo, são admiração ás obras divinas, são uma especie de vassalagem, são uma oração *sui generis*. Ora o enthusiasmo, n'esta prosaica e derrancada vida humana, é raro, é sempre util; é bom mantel-o porque levanta, aquece, transfigura. O enthusiasmo é um creator; a elle deve a humanidade os mais altos beneficios; os descobrimentos de novos mundos, as conquistas da sciencia, a independencia das nações, os rasgos da virtude, as obras-primas artisticas e poeticas, os adejos celestes das Religiões, as loucuras sublimes do martyrio.

Com a sua quota parte de enthusiasmo communicativo, deve o artista ser um operario do bem commum. Na pintura historica, na de genero, na sacra, se pode ser eloquente e util. A propria paizagem, em que o vulto humano é mero accessorio, tem um idioma muito seu, que nos commove, que nos eleva a alma; é a mesma linguagem que falam as montanhas, os arvoredos, os estrellados céos de Agosto, ou as nacaradas calmarias do mar. A luz, a sombra, a linha, a côr, a gradação, a perspectiva aerea, a entoação do claro-escuro, eis ahi os vocabulos d'essa lingua natural. Escutar as harmonias da paizagem ou da figura humana, perceber melodias e accordes, interpretar phases, balbucias, é a Arte.

Ora o nosso primacial pintor, VIEIRA LUSITANO, ardeu em aspirações sempre puras; pôz muito alto o fito dos seus tentames; nunca se aviltou derogando a sua palheta soberana ao serviço do vicio e do mal; timbrou em ser um sabedor consciencioso, correcto, imaginativo; mas antes de mais nada, um christão e um bom. Nunca enxovalhou o seu genio atassalhando gratuitamente o proximo; pairou em regiões elevadas e azues, d'onde se não enxergam misérias.

A esthetica desbragada do paganismo tem bellezas de primeira ordem, que seria ocioso desconhecer. Entretanto, essa interpretação essencialmente materialista e sensual da natureza, obedecendo á influencia de civilizações corruptas, não deve seguir a o pintor christão. Em certos museus de Italia, em certas exposições do *salão* de Paris, penetra a observação, e côra. Perante os quadros de certos mestres, vibrantes de sentimento e anhelos religiosos, ajoelha o coração, e levanta-se melhorado.

VIEIRA, desde os seus mais verdes annos, furtou-se, como vimos, ao escolho tentador, nobilitou se. A Historia sacra, a Mythologia conceituosa e decente, as allegorias á moda da sua era, o retrato pensante, a aspiração idealista, eis ahi o seu campo. E que vastissimo campo! Isolado no meio da frivola sociedade da côrte, alheado ás ambições, recluso, como cenobita, no casulo dos seus honestos amores, assim atravessou a vida; assim serviu os seus contemporaneos e os seus vindoiros.

Preste um tal exemplo, vindo de tão alto, para guia dos artistas novéis, dos poetas e dramaturgos inexperientes, em summa: de todos os que, em qualquer ramo da actividade intellectual, buscam os seus ideaes.

Bem sei que na pinacotheca do Vaticano conserva o esclarecido espirito dos Pontífices marmores antigos que não primam pela compostura; d'ahi tira o sophisma os seus que-

bradiços argumentos. Mas vamos, que prova isso? prova apenas, mais uma vez, a tolerancia paternal da Santa Sé ante as fraquezas innatas no homem; demonstra um preito aos Genios, embora desmandados. Destruir essas telas, ou essas esculturas, seria facil, mas vandalismo vil. O espirito christão não as preconisa, não as louva, mas tolera-as excepcionalmente em attenção ao talento que as animou.

Desmoralisa-se e engana-se o publico de muitas maneiras: com a penna, com os pinceis, com a palavra, com o escopio. Livros venenosos, jornaes infames que nada poupam, comedias descompostas, pamphletos odientos, quadros naturalistas, esculturas obscenas, facundias tribunicas vesgas e facciosas, teem tanto de nocivo á verdadeira civilização de um povo, como os exemplos publicos pessoases de improbidade e desregramento.

Queimar certas obras velhas, que, a final de contas, todas tiveram os seus porquês historicos, seria já agora tecto imperdoavel de lesa-Arte. Vivam embora, vivam no seu pedestal de seculos, vivam como marcas de civilizações desaparecidas, vivam como documentos humanos da Historia humana.

Mas a Arte moderna, a Arte contemporanea, a Arte alumida pela moral christan, deve pôr o seu alvo no espiritualismo; e, como eleita que é, e como guia que pode ser, combata, quanto em si caiba, as tendencias baixas e materialistas do seculo. Pode muito; pode muitissimo; empregue o seu poder em causas nobres, habituando o povo a tomar o Bello como revestimento do Bom.

A forma, essa mudou; porém a essencia da Arte não muda nem fenecce; é immortal como Deus, de quem se nos figura reflexo sobre a intelligencia do homem.

Como consequencia do que ahi fica ponderado, gloria, gloria ao artista portuguez! a elle, que foi honesto! a elle, que teve a hombridade, n'uma terra sensual, mortica, e decadente, de proclamar, com o seu porte civico, e com o espirito das suas obras, uma altissima verdade: a Arte só é deveras grande, quando se escripta na Virtude.



Lamiar, 30 de Abril de 1901.

Julio de Castilho.

JULIO DE CASTILHO
2.º visconde de Castilho

(1) Do recente livro *Amores de Vieira Lusitano*.

A colera dos amantes é como a tempestade no estio, que torna o campo mais verdejante e mais formoso.

MADAME NÉCKER.

A desconfiança de si mesmo é o anjo da guarda das mulheres.

SOPHIA GAY.

As velhas idéas são preconceitos; as novas são caprichos.

H. DANDAN.

Em amor, a melhor victoria é fugir.

NAPOLEÃO I.

O homem ama pouco e frequentemente; a mulher muito e raras vezes.

CHATREUBRIAND.

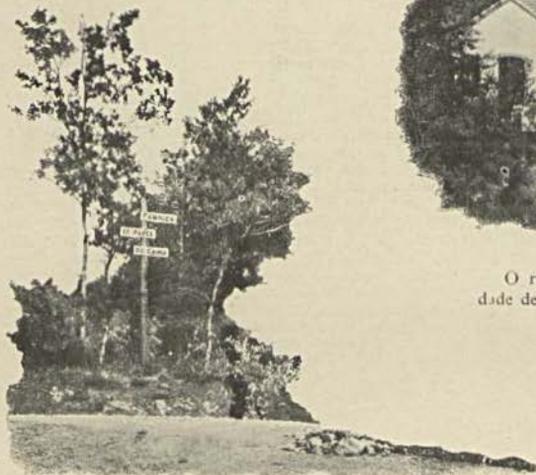
Os homens são algumas vezes maus, mas as mulheres são sempre maliciosas.

CHAMPFORD.

Fabrica de Papel do Caima

O INTELLIGENTE proprietario do importantissimo jornal do norte *O Commercio do Porto*, o sr. Bento Carqueja fez inaugurar ha pouco uma fabrica de papel exclusivamente para uso da sua empreza jornalistica.

A fabrica fica situada n'um pittoresco logar da freguezia de Palmaz em Oliveira de Azemeis, mesmo á margem do rio Caima, que lhe deu o

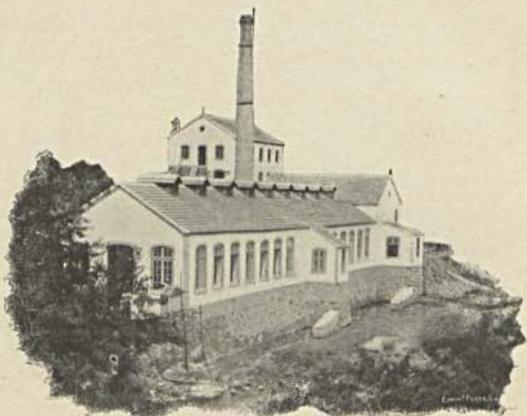


Entrada do local da fabrica

nome, rio tão caudaloso que lhe garante em absoluto durante todo o anno os motores hydraulicos. Divide-se em tres partes a fabrica: officina da machina continua, onde estão tambem a cortadeira e a bobinadora; casa das transmissões e dynamo; e outra onde se estabeleceu a refinadora.



As machinas



Vista geral da fabrica

O reservatorio é vastissimo e a cisterna tem a capacidade de 250 pipas.



A caldeira

Toda illuminada a luz electrica, essa fabrica construida segundo os modelos mais modernos do estrangeiro, inaugurou-se com uma festa brilhante a que concorreram alem de muitos jornalistas do Porto, outros de Lisboa convidados gentilmente pelo sr. Carqueja, que lhes offereceu primeiro um almoço, á chegada na estação de Estarreja e depois um opiparo banquete, mesmo no local da fabrica,



A refinadora

festa sympathica em que foi saudada justamente a rasgada iniciativa do proprietario do *Commercio do Porto*, a quem o *Brasil-Portugal* cumprimenta pelas suas novas installações industriaes.

Pandemonio

*«the high capital
of Satan and his peers».*

Mitros.

Tenho-me costumado, pouco a pouco,
A vêr do mundo a trama inextinguível:
E' grande o que é banal, serio o risivel,
Endeusada a ficção;
O veio d'agua tenue, que mal pode
Banhar a relva humilde do recosto,
E' capaz d'affirmar, se lhe der gosto,
Que o mar é seu irmão.

Tudo é possível, tudo. Esse mysterio
Em que d'antes a mente se enleava,
O solemne terror com que luctava
O genio mais audaz,
O derrubar na arena, em justa accesa,
O gigante que a todos põe balisa,
Isso hoje, enquanto inerte dorme a brisa,
Fal-o qualquer rapaz.

Por isso nada em mim suscita espanto.
Pois se eu já tenho visto tanto e tanto,
Que pode inda surgir
N'este palco infantil de scenas loucas
Que me assombre?... Os varões d'austeras bocas
Vão começando a rir.

Tinha que vêr se em face do tripudio,
Do sujo dithyrambo que pernêa
Em torpe bacchanal,
Tinha que vêr se a frente se arrugava,
Triste, sentimental,
Como nos tempos da epopéa ingente,
Sob o hellenico ceo,
Quando se ouvia, tragica e fremente,
A voz de Prometheo.

Então, sim, que as paixões se erguiam n'alma,
Indomitas, vibrantes;
Havia então patheticos instantes,
Medonhas convulsões;
Mas se da infamia o lodo se entonava,
Remugindo em cachões,
Sobre elle, então, descia o horror sagrado,
E as coleras viris,
Como se alonga o mar encapellado
Sobre os despojos vis.

Tudo isso, emfim, com as fabulas passadas
Perdeu lustre e valor:
Os homens d'hoje, em falsas cuniadas,
Sobrelevam melhor.

E' que hoje, quaes moléculas informes,
Agregam-se entre si, tornam-se enormes,
Campêam na amplidão;
E a turba, o vil rebanho, a baixa escoria,
Julga sêr cousa esplendida e marmorea
Esse ignobil padrão!

Por mim, quando entre nuvens vaporosas
Vejo, em solio de myrtos e de rosas,
O monstro o collo erguer,
Não sinto indignação,— que era peccado;
Mas digo a Deus,— baixinho e envergonhado:
—«Pois isto pode sêr?...»—

Lisboa — Outubro 1901.

E. A. VIDAL.

Missão á China



Conselheiro JOSÉ DE AZEVEDO CASTELLO BRANCO
Enviado extraordinário do Governo Português

O governo português acaba de nomear o Par do Reino, conselheiro José de Azevedo Castello Branco, para uma missão diplomática á China.

O ministro de Portugal em Pekim é habitualmente o governador geral de Macau, mas, como já tem succedido varias vezes, a China furta-se sempre a tratar com esse funcionario portuguez questões diplomaticas, e agora que breve reunirá em Pekim uma conferencia internacional, com a assistencia de representantes de todas as

nações, o governo portuguez entendeu que devia enviar ali um ministro extraordinario, tão importantes são os interesses de Portugal na Asia, sobretudo pelas proximidades em que as nossas colonias de Macau e Timor estão das fronteiras chinezas.

A escolha recahiu no conselheiro José de Azevedo que estava exercendo o cargo de governador civil de Lisboa e que é um dos espiritos mais brilhantes do parlamento portuguez. De uma rara percepção, de uma intelligencia maleabilissima, insinuante e illustrado, o novo ministro está á altura da importante missão com que o governo portuguez o honrou e ha-de desempenhar-se d'ella com louvor.

Partiu de Lisboa no dia 15, para Paris, embarcando em Marselha com destino a Pekim. Acompanha-o, como secretario, o sr. Gabriel de Almeida Santos, filho do importante proprietario, barão de Almeida Santos, e moço de muita intelligencia e illustração, que era já seu secretario, no governo civil.



GABRIEL DE ALMEIDA SANTOS
Secretario

Um homem pode enganar uma mulher com um amor fingido
contanto que por outra não sinta um amor verdadeiro.

LA BRUYÈRE.

Não se sabe onde acaba a mulher e onde começa o diabo.

HEINE.

O amor não tem termo medio: ou perde ou salva.

VICTOR HUGO.

O assassino de Mac-Kinley



Leon F. Gzolgosz, na prisão em Buffalo

Esta gravura representa o assassino do Presidente dos Estados Unidos, na prisão, encostado às grades da sua cela. Esperava então ali a decisão do tribunal que o havia de julgar. Este já reuniu, e depois de curto debate, e d'elle ter cynicamente reivindicado a responsabilidade do seu crime, julgou-o culpado de assassinio com premeditação e intenção de matar, condemnando-o á morte. A sentença diz-se será cumprida ainda esta quinzena.

Elegancias e mundanidades

O espartilho e a sombrinha



tu-ss, em todas as épocas, que os philosophos nas suas parvas des-saboridas, os prégrados nas suas homilias anti-philogicas, os moralistas nas suas doutrinas fuliginosas e todos os que desilam no plano inclinado das reflexões amargas, tentaram oppr embargos ás extravagancias dos adornos femininos.

Mas baldaram todo o seu empenho! O cerebrozinho de uma mulher bonita dispõe de uma força de resistencia, que é capaz de contrabalançar a do genio.

De Cleopatra á duquesa de La Torre, de Lesbia a Liana de Pougny, os sabios não ganharam um ápice. Foi no paraizo terrestre que a arte de agradar veio á luz do dia, quando a loira Eva submetteu Adão ao poder magico do amor—delatam-n'os vagos noticiarios de vagos jornaes coevos. *Rien n'est sacré pour un reporter!*

Uma das armas de sedução da mulher é o espartilho—precioso cofre de joias. Se uma modista perita faz de uma taboa uma Venus, um espartilheiro industrioso transmuda um cépo n'uma gracil cintura, que se póde apertar entre os dez dedos de uma creanga.

Na antiguidade coisa alguma se encontra que se assemelhe ao espartilho. Bem sabemos que as gregas e as romanas usavam umas cintas largas e umas armações de barbas de madeira de tilia, a que chamavam *strophium* e *castula*, e umas ligaduras de panno para os seios, a que davam o nome de *fasciae mamillares*. Mas isso nada tem com aquelle instrumento de tortura moderno. Ha um circumstancia curiosa a notar, e é que tambem os homens usaram espartilho. No dizer de Aristophanes, o poeta atheniense cénico deformava o busto com a ajuda de um *corset*, razão por que lhe chamava o *homem da tilia*. O imperador Antonio empregava identico processo para adedejar o talhe. E Voltaire pretende que os cavalleiros francezes, que acompanharam Carlos de Valois á Italia, levavam espartilho por debaixo da cota de malhas. Sob Henrique III, os *mignons* traziam o mesmo torturante apparelho, que tinha por fim fazer bojar as ancas como o ventre de uma amphora. Alguns elegantes modernos carregam tambem com a responsabilidade de usar espartilho. Cita-se, por exemplo, o principe de Kaunitz—grande diplomata do seculo xviii—que trazia um de setim como a andaluz de Musset. Citam-se mais o mirífico Brummel, o conde de Orsay e o grande poeta Musset, mas nada prova a veracidade d'essas imputações. Nos nossos dias, affirma-se haver parisienses, que encerram suas graças thoraxicas em semelhantes armaduras de aço.

Os espartilhos femininos nasceram na Italia no seculo xvi, e d'ahi se exportaram para França no reinado de Francisco I.

Eram montados em armaduras de fio metalico, com barbas de madeira, primeiro, e com largas barbas de baleia, depois.

Apesar de molestos, todas as elegantes os adoptaram, porque só elles permitiam o uso das *verdugas*—umas saias em forma de sino—, que eram a ultima suprema elegancia. As damas abastadas ornavam-nos de pedras preciosas, e deixavam os vestidos soabertos no peito para mostrar a riqueza d'esses engenhos de *toilette*... e as sinosidades opalinas dos seios tentantes. Os espartilhos modificaram-se, ajuntando-se-lhes duas alças ou suspensorios para os suster nos hombros. Antes d'isso, porém, chegaram a fabricar-se de ferro forjado, que faziam cinturas de véspa, mas que, inflexiveis, determinavam perigosissimas perturbações organicas. Os espartilhos atavam-se por diante, e só no seculo xvii se principiaram a atacar por detraz. A Revolução proscreveu esse carcere de ferro como abateu as paredes da Bastilha. Com o Primeiro Império veem os espartilhos muito decorados, e andando-se por baixo dos seios; vem o franco desvendado *terrac incognita*, o quente esplendor dos hombros nus, a elegancia viva do peito esbagochado e polvilhado de amido. E as mulheres da moda não temem que se lhes vejam os seios palpitanes como dois gatinhos brancos enovelados...

Com a Restauração, o espartilho reconquista o



throne. Chega-se-lhe a pedir que remedeie as imperfeições, acrescento o que falta, dissimule o que excede o justo tamanho, e *regarre dies omni contrage*, diminuindo, arqueando, comprimido, sublinhando! Solicita-se-lhe que dé relevos firmes a peitos chatos como campos de manobras; reclama-se-lhe que communique a dureza dos bons frutos a molleças gelatinosas. Um espartilho de *ches le bon faiseur*, da casa Lacroix, por exemplo, custava cinco luizes; e, apesar do preço, o fabricante não tinha mãos a medir.

Durante a Restauração—a época da romanza sentimental e dos turbantes á Corinna—quem em França do tom, o relevo e o matiz, foram a duquesa de Berry e Madame Récamier—os dois corypheus da moda. Se se queria usar um chale, por um chapéo *cabriolé* ou gastar de um confeiteiro, copiava-se a *boa duquesa* ou Madame.

A Restauração trouxe uma nova doença, ignorada até alli. As damas do tempo, pelo abuso do ether, do laudano e da camphora, julgaram-se atacadas da nervose, e chamaram-lhe *mal dos nervos*, o mesmo que a pallida geração romantica de 1830, elegiaca, terna e lamartiniana, chamou graciosamente a *migraine*, e o mesmo que Balzac appellidou—vapores dos nervos.

1822 marca um acontecimento importante nas modas femininas portuguezas. Foi n'esse anno que as senhoras principiaram a trazer as cinturas compridas, modismo que custou immensamente a entrar nos costumes. O jornal *O Tocarador*—em que escreveu Garrett—matraqueava a costumeira, charivariva com bromas estiradas, dizia: "que se sempre reprovada pelo bom gosto e que "a muitas das mas tornaria derregadas bonecas e desconchavadas manequins."



Surge Carlos X em França e, porque era inimigo declarado do espartilho, não permite que as damas ortodoxas *estylen* essas *jalatinhas*, dentro da qual os seios tremem como dois passaros captivos. Em 1835 a 1836 ainda houve um certo apêgo ás modas da Restauração, mas, depois de 1836, apparece a excentricidade. As exagerações romanticas, o *spleen* e os vapores dos nervos, trazem as côres tristes e de nomes esdrúxulos. "Póde-se sonhar com um chapéo azul-celeste, diz Madame de Girardin, mas é prohibido chorar com uma capôta cor de rosa."

Enumeraremos as modistas, que, de 1825 a 1835, pairaram como aguias do bom tom nas regiões superiores da moda lisboense: Madame Croiset, na rua do Loreto; Madame Elisa Augusta, ao Calhariz, a qual tinha o exclusivo da fabricação de chapéus de seda para a honrosa concedido por D. João VI em 1826; Maria Moraes, na rua Nova do Almada; Madame de La Tour, na rua do Oiro; Madame Toussaint, na mesma rua, cujo marido se dizia professor de dansa na Opera de Paris e no theatre de S. João do Rio de Janeiro; Madame Olivier Botto, na loja onde está a pastelaria Ferrari na rua Nova do Almada; Madame Doraison, na rua Nova do Carmo; Madame Justine, na rua Nova do Almada; Madame de Sardin, modista da infanta D. Isabel Maria, na rua da Hortá Secca; Madame Collins, espartilheira, detrona da torre de S. Roque; Madame Maria Anna Burnay (avó do sr. conde de Burnay), "modista da infanta D. Maria de Assumpção", estabelecida na rua do Alecrim, onde vendia relógios de bronze e de alabastro, com charizes fingido agua, painéis com relógio e luvas, lamparinas com e sem relógio, vasos nevrosos, loicas e jornaes francezes; Madame Hermann, a quem succedeu a Levalliant, "modista da rainha D. Maria II, da Imperatriz viuvia e da infanta D. Anna de Jesus Maria, na esquina do Chiado e da rua de S. Francisco da Cidade; e Madame Duprat, na rua da Prata.

Em 1840, se um parisiense traz casaca azul, collarinho alto, calças á Brummel, collete á marseilhá Sult, manto Victoria, sapatos de laço e meias de seda pretas mosqueadas de borboletas brancas, se tem o ar calmo e uma bengala liró, esse homem é perfeito, é o *leto*. Se uma parisiense se veste na casa de Mademoiselle Baudrant, se traz joias de Fossin, sapatos de Melinotte e luvas de *maître de la main*, essa mulher, *é rommê fané, é a lada*—a filha romanesca e aerea do idealismo 1830. Em Lisboa as damas decotam-se prodigamente para ir ás bailes das Laranjeiras, do marquez de Vianna, da duquesa de Palmella, no palacio do Paço do Lumiar, do marquez de Fronteira, em Bemfica, e das diferentes Assembléas ou Philharmonicas. Dansa-se com furor. E um periodo azedo aos partidarios da hydrosodopathia. Os bailes d'esse tempo ficaram como uma das curiosidades



des que empolgam, retem e exaltam a imaginativa, como uma d'essas coisas fabricadas de realidade e de illusão, que rapidamente nascem e rapidamente morrem, mas de que mais tarde se falará muito, com o pesar acerbissimo de não se ter assistido a ellas, de não se ter participado do seu encanto subtil, da sua embriaguez estonteante.

A trivialidade charra dos espartilhos de algodão ce-deu lugar aos modernos espartilhos de sedas, fitas e rendas, fazendo como que um vaso delicioso engrinaldado, de onde sahe a fina flor, que é um peacopo de linhas fugitivas e uma cabeceira fresca como os lirios orvalhados.

Depois do espartilho, temos de nos occupar de um assumpto tangencial aquelle — a configuração dos decotes. Ha o decote á grega, mostrando as espaldas e o peito com um impudor feliz, decote liberrimo que convem ás mulheres que tenham uma galha eurythmica, uma plastica de rigides marmoreas; ha o decote imperio, bocejando perdulariamente, patenteando todas as harmonias rosas e nacaradas das carnações turcidas e frementes, convertendo-se n'um verdadeiro *pick-me-up* amoroso para os temperamentos tentadiços, dando as suggestões feticheiras do desejo aos Mercutios e aos Faustos possessores do diábrico incubo do amor; ha o decote quadrado, palles cold-crème e neve, gerando a espadmosica emoção do extase; ha o decote *en cuir*, muito baixo nas costas e mais baixo ainda no peito, que só vae bem ás mulheres de collo de um vigor herolico, ás mulheres que tem a raça, isto é, alguma coisa de altivo e de anguloso; ha o decote em forma de Y, cortando triangulo de costas pittorescamente *esallones*, riscando trechos dorsaes de alabastro polido, cujo sulco divisorio parece um caminho traçado por caricias impressivas.

Os medicos fazem grande aranzel de vituperios contra o espartilho. Mas, vituperios á parte, os medicos dão uma prova de espirito, occupando-se d'esse graciosissimo... ninho para dois. Indicam a gravêza dos males que provoca. Teimam que causa a anemia, a chlorose e a dilatação de estomago; accusam-n'o de ser grande perturbador, de determinar alteraçães respiratorias, circulatorias e digestivas. Deforma o fígado e os rins, transtorna a actividade normal dos pulmões, produz gastralgias. Não obstante o anathema eminnado contra o espartilho, elle usa-se ha perto de quatro seculos, e as mulheres não se deshabitariam facilmente d'esse accessorio, que tem a utilidade da belleza e a belleza da utilidade. N'este ponto de vista, e com os actuaes trajos feminis, elle torna-se indispensavel aos talhes fragais, que tem propensão a inclinar-se, aos talhes fortes, que tem tendencia a emancipar-se, e para sustentar essas... — como direi? — que o Tartufo não podia vér... — senão com um olho. E verdade que o espartilho oppõe uma barreira aos nossos desejos, barreira que nem todos os dedos masculinos tem a pericia sufficiente para derrubar. Mas, em compensação, não será elle tambem que, muitas vezes, prolonga as nossas illusões, e, muitas outras, despertando-se, offerece á nossa admiracão coisas que excedem a nossa expectativa? N'uma palavra, não será elle a caixa de surpresas, cujo atractivo é tão humano?

Estatua impeccavel, a mulher bem espartilhada parece brotar das pregas molles do vestido como uma deusa irrompe da nuvem que envolve seus pés. A viva flexibilidade do talhe fino como uma lamina de espada, a elegancia magestosa do busto, o ar de nobreza e espirituosa communicadas pelo espartilho, como que evocam recordaçães plasticas da Grecia antiga, d'essa epoca divinal

Où cent mille dieux n'avaient pas un atèle.

O escudo de seda que protege a cutis feminea e que cerca de uma aureola colorida o rosto da mulher — a sombrinha, tem uma genealogia que sobe muito alto na noite dos tempos. As matronas do reinado de Augusto, as Lydias cantadas pelo epicurista Horacio, as bellezas perturbantes dignificadas por Ovidio e Marcial, usavam uma sorte de parasol, que era conduzido por um escravo. Todavia, o guarda-sol não é originariamente romano. Existia na China, vinte seculos antes de Christo; empregaram n'o outros povos asiaticos. Em Athenas revestia diversas formas: concavo, convexo, hemispherico, de varetas rectas ou arqueadas. Penetra em Roma, porque a moda de Athenas era o modelo fascinador que as romanas procuravam imitar, indo lá



como hoje se vae a Paris, falando grego como hoje se fala francez, e lendo os estoicos e a *Republica* de Platão — livros que se viam em casa das mundanas sobre coxins de seda — como hoje se lêem os romances de Zola e as novellas de Bourget.

O guarda-sol começou por ser extremamente pesado; como e andar dos annos aligeirou-se, tornou-se leve como uma aza. O seu castão diminuiu de volume, salpiçou-se de pedrinhas refrigerantes como globulos de um polen de flores magicas, foi cinzelado como essas caixas de pastilhas que Thomas Germain burilava para as *petites maîtresses* da Regencia. No tempo de Luiz XIV, as senhoras de grande porte sahiam a passeio com mascarilha de velludo, sombrinha na mão esquerda e alta bengala na mão direita. As insignes damas da Fronda traziam bengalias; e foi a bengala da Grande Mademoiselle de Montpensier que deu signal para o canhão da Bastilha disparar sobre as tropas reaes. As campanheiras de Maria Antonietta usavam egualmente as bengalias. Como as peregrinas apaixonadas, que, na tela famosa, embarcam para Cythera, tambem as nymphas d'essa legenda amorosa e gloriosa apertam entre seus dedos nevados o alto bastão, que lhes auxilia a marcha para o templo do Amor, para o doce Trianon. Chegou a surgir á mente dos innovadores a idéa cerebrina de resuscitar esta moda obsoleta. Mas, a falar verdade, os nossos tentamentos de archaismos não, em regra, coronados de exito. Basta vér o que aconteceu ao triangulo de feltro — o tricorno das amazonas e das duquezas do seculo xviii — que, no inverno de 1868, assentou tanto sobre os cabellos oxigenados da parisiense como sobre os cabellos sombrios, que mordem, com dentes de ebano, a fronte desmaiada das meninas da Boixem.

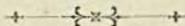
Na exhibição retrospectiva dos adornos femininos, durante a exposicão de 1900 admirou-se uma bella collecção de sombrinhas, algumas das quaes historicas. Entre estas deparava-se com o chapé de sol da imperatriz Josephina, de seda verde e castão que era uma obra-prima de ourivesaria incrustada de turquezas, e com o chapé de sol da imperatriz Maria Luiza, de seda branca, tendo bordadas a ouro as suas iniciaes, coronas e laureadas. Nos punhos espelhantes d'estas sombrinhas, deviam olhos perspicuos vér acender-se e apagar-se reflexos quasi tepidos de frentes impieiras, de esguias mãos opalinas.

A queda do Imperio marca a primeira fase da decadencia da sombrinha togá. O fabrico de traya incisa a factura de sombrinhas a preços modicos, e este ornamento indispensavel da graça feminea democratiza-se, e, por consequencia, banaliza-se, despoetiza-se, perde a sua estyilisação. Depois de 1850 surge a *sombrinha marquise*, cujo cabo se compunha de duas partes reunidas por uma charneira, a fim de lhe diminuir o volume. Concloucon-se-se de sedas de ramagens com esparavels ou franjas. Aberta, prestava uma graça especialissima a essas mulheres de uma mundanidade tão imperceptivel como a das defunctas heroínas de Octavio Feuillet.

As sombrinhas, em summa, experimentam as variabilidades do gosto, porque, na lanterna magica da Moda, ha sempre uma imagem que expulsa a precedente. E' nos mezos quentes e doirados que ellas campêem casquilhas. Os simbolos ligeiros das sombrinhas claras banham de uma luz attenuada, cercam de uma penumbra esbranquiçada, as finas caritas; fazem resaltar vigorosamente a figura das mundanistas, desde a mão nervosa que as empunha até á cutis branca como assucar pilé.

A sombrinha é o sceptro da mulher, ao ar livre, assaz como o leque a significa da dictadura lépica que ella exercita n'essa peça delicadissima de joheria social, a que chamamos *tout court* — um salão

PINTO DE CARVALHO (Cinop.)



O amor perdôa tudo, o amor-proprio nada perdôa.

CARLES BERNARD.

A arte tambem possui uma autoridade do direito divino.

PAULO JANET.

O pintor pensa as suas imagens, como o poeta imagina os seus pensamentos.

GUY DELAFERRÉ.

A cultura do café

A Fazenda Paulista



São múltiplos e estendidos os recursos do Brasil em qualquer dos campos abertos à indústria e ao commercio; sobrepõe, porém, a todos a cultura do café, que em uma grande parte de seu ferozismo não se dá admiravelmente. É tão importante, encarada por todos os lados, a cultura do precioso grão, que nunca será demais o que a seu respeito se possa pensar e escrever. Seu uso é quasi universal, e tão progressiva tem sido a sua adopção nos países da Europa, onde a arvore se não dá, que a sua universalidade em breve será uma realidade.

A expansão colonial, que tanto preoccupa hoje os grandes imperios e republicas, cooperará decerto para o desenvolvimento de novas plantações nas zonas de predilecção, a que dará incremento a lucta travada contra o alcohol e seus effeitos, cujo antagonista é, sem contradicção, a preciosa rubianna, ganhando assim o logar de honra, que por todos os motivos de hygiene, economia e moralidade, lhe pertence. A sciencia tem assignado ao café o predomínio como alimento de poupança, e estímulo para o corpo e o espirito, e grandes e pequenos, ricos e pobres fazem já d'elle um uso que assegura a animação a lavoura dos países em que vinga e fructifica a valiosa arvore, assim como o commercio que do seu fructo faz trafego.

É sabida a historia do café, que da Arabia se tem propagado nos países da America central, na do Sul, nas Antilhas, na Africa oriental e occidental, e até na Oceania. Ha zonas privilegiadas em todas estas regiões, para o seu plantio, assim como se ha para o da vinha, e para todos os generos de plantas, naquellas a que a Natureza as destinou. O Brasil, porém, parece ser o logar de eleição para similhante cultivo, n'uma proporção tal, que traz intrigados e assustados os estranhos. É principalmente o Estado de S. Paulo, a' oeste o Oeste, o grande productor, seguindo-se-lhe os do Rio de Janeiro, Minas, Bahia, Espirito Santo e Coeva, cada um d'elles maior do que qualquer das grandes nações européas. Em todos estes estados, como na Africa, ainda hoje a cultura se faz mais contando com a uberidade propria das terras férteis, do que com os recursos da agricultura sciencífica, a que se vêem obrigados a recorrer os plantadores das colonias francezas, holandezas e inglesas, onde os terrenos esgotados e as enfermidades e pragas têm diminuído a cultura. A deficiência de braços nos países cafeeiros, a grande somma de cuidados que a cultura da especie exige, o custo das machinas para seu amanho e beneficição, até chegar aos centros de expedição, são o tormento actual do fazendeiro, visto o baixo preço que lhe dão os mercados; contudo essa mesma baixa tem de ser o meio de sua generalização. Ha sem duvida uma crise, cujas causas são em grande parte inconfessáveis, como acontece com todos os generos de commercio, objecto de syndicato e trusts que tudo avassalam e abarcam; mas tudo pedia e deve vencer a tenacidade do homem, que com o esforço de seu braço e a lubrificação de seu suor arranca á terra os thesouros, que são riqueza de muitos, e contôrto de todos.

Com a ingenuidade, ou antes a raiva do vendilhão morrido pela concorrência, ouvimos censurar a ignorancia do plantador brasileiro, que, na séde de produzir muito, tem tornado impossível e precario o negocio do café! Assim será, mas que tem que vêr o luctador com a perda do vendilhão! Não deixa o campo baldio quem o pôde lavar, e o trabalho a mais, as fadigas do produtor, têm no beneficio do consumidor farta compensação.

Damos uma breve noticia d'uma modesta fazenda, propriedade do sr. Valentim José da Silveira Lopes, situada entre os municípios de Porto Ferreira e Santa Rita, no Oeste de S. Paulo. Esta Fazenda é uma das que melhor se podem apresentar como tipo da lavoura paulista e exemplo da cultura do café actualmente. Occupando uma área superior a um milhão de metros quadrados, é habitada por mais de setenta familias, computando uma metropoly superior a trezentas pessoas, que allí vivem do cultivo dos cafeeiros, dos cereaes, dos fructos e dos legumes necessarios á sua manutenção. São estes trabalhadores, na sua maioria, italianos, oriundos da alta Italia, por serem elles os que melhor se dão aos arduos trabalhos, que requer o genero de cultura especial da Fazenda, cujas plantações são superiores a trezentas mil arvores, dispostas em ruas rigorosamente alinhadas, e plantadas em distancia, umas das outras, de quatro metros. Uma propriedade, como esta, conforme dissemos modesta, com suas edificações, casas de habitação, para o dono e seus prepositos, colonos, aldeadas com moradas independentes, celeiros geraes e parciacs, casas de machinas, officinas, estabreiros e estabulos, etc., etc., representa um capital de mais de mil contos, moeda brasileira, nomina esta que difficilmente tem hoje uma renda correspondente, visto a queda do genero produzido, e é essa a causa da angustia

do plantador na crise actual, a que impende aos Governos-federál e estaduais o dever de acudir. Muitos e varios são os meios a empregar e temos fé que a lição dos tempos confundirá a acção dos que pôdem prover de remedio.

Vejamos: Fonte de sonho das riquezas têm-se occupado quasi exclusivamente da cultura do café todos os braços vândios que a afamada uberidade da terra atrahê. D'aquí procede o desequilibrio entre a sua produccão e a de outros generos em que igualmente o solo é prodigo e rico. Explorou-se a predilecção que o colono tem por esta especie de cultura, uma vez que nenhuma outra o pôde tão largamente recompensar de doras fadigas em um clima tão diverso do seu e onde se o chamou e prende a idéa do lucro remunerador das magoas e angustias do exilio e, sem immigração, todas as riquezas naturaes do Brasil, seriam improficuas, e o colono, immigrante, procura exclusivamente a cultura do café por se a unica em que, a par de tudo que é necessario á sua alimentação, tem a paga dos servicos de amanho, colheita e beneficio, até agora compensadora de seu trabalho. Se fosse possível parar a plantaçào e cultura do



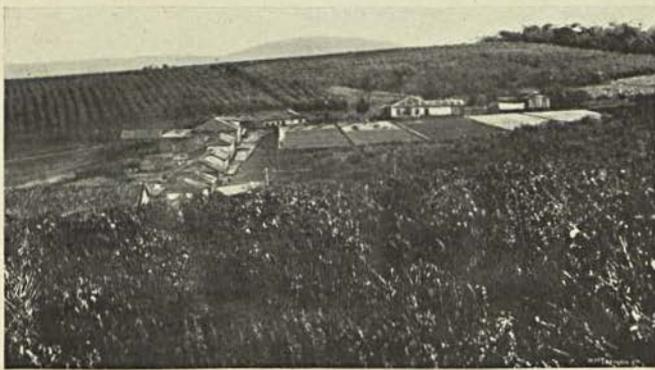
Queda do Rio Claro que dá a força electrica para mover as machinas

café, o exodo das colonias seria immediato e fatal; andando mal avisados os que supponem o contrario.

Muito se tem escripto ultimamente relativo ao assumpto, mas, pensá de zello-o, criterio real das causas que obnubram o futuro da lavoura cafeeira, ficavam ainda por trazer á verdadeira luz.

Os países que principalmente consomem café na Europa, são a França, a Italia, a Alemanha, a Belgica, a Hollanda, a Suissa e Portugal. Todas estas nações têm hoje as suas colonias, onde se cultiva e onde vão buscar o appetido genero, mas é sabido que, se se exceptuar Portugal e talvez a Hollanda, todas as mais não têm do seu o sufficiente para o proprio consumo. E' o Brasil, pois, que supre a falta, não obstante os cêmbios e embargos, que o fisco lhe põe, traduzidos por impostos quasi prohibitivos. Deixamos de parte os Estados Unidos da America do Norte, o grande suporio commercial, que, além de café dos Mexico, Antilhas, e America Central, compra ao Brasil uma grande parte de suas prodigiosas colheitas. Para comparar tudo que se possa dizer relativo á asembrosa produccão e exportação de café em terras brasileiras basta dizer que sendo calculado o total do consumo de café no mundo em nove centos e cincoenta milhões de kilos, entra o Brasil n'esta somma com a espartosa percentagem de oito centos e dois milhões, isto é, mais de três por cento.

Este desequilibrio é a causa da guerra feita ao café brasileiro. Exemplifiquemos. Pôde dizer-se, generalizando, que em Paris, o centro de todo o criterio sciencífico, economico, e portuo commercial, é de balde que se procura e encontra a venda, com sua verdadeira designação, um kilo de café do Brasil! Interrogados os principaes negociantes de grosso e a retalho, na especie, respondem invariavelmente: aqui não se usa o café do Brasil, ninguém o compra, ninguém gosta d'elle! Uns dão-no como fraco, outros como forte; uns como amargo, outros como amanho! Contudo está averiguado pelas entradas e vendas que se fazem quotidianamente no Havre,



Terrero para a secca do café em casa — Um grupo de casas



Casa das machinas

porto principal de sua importação, bem como em Marselha e em outros portos de menor importância da grande Republica, que 85 % do café consumido é brasileiro! Como se explica a ignorancia do consumidor? É facil. Os cafés de Santos, Rio, etc., são rotulados e vendidos com a denominação de cafés das colonias francezas: Bourbon, Guadeloupe, Martinica, etc., ou então como de Java, Ceilão, Arabia, etc., ou mesmo de Porto-Rico, S. Salvador, Haiti, etc. O que principalmente dóz e do que o Governo da Republica Brasileira ainda não curou, é de tó se venderem, ostensivamente como producto seu, os cafés baixos, por sujos, mauchados ou avariados, as *escolhas*, isto é, os refugos e varreduras das tulpas e armazéns! mal que urge remediar trazendo á verdadeira luz amostras de producto limpo e puro do lavrador consciencioso e do trabalhador zeloso da honra nacional.

A luta do genero brasileiro com o colonial franceos, por exemplo, pôde avaliar-se sabendo que o de origem franceza paga apenas o direito de 0,88 centimos por kilo, enquanto que o brasileiro paga o dobro, 1 franco e 33 centimos! Ora provada a entrada e o stock dos cafés de Santos e Rio, etc., evidente é que o seu consumo se opera fraudulentamente, sendo a expedição feita com as designações, que o commercio tem feito salientar, ou que o tempo sancionou como melhores, e que por isso mantem um preço, de estimativa, illusorio.

A comparação do custo dos cafés brasileiros e dos exóticos ou, como tal baptisados, é motivo para espantosos commentarios. Estampamos a nota abaixo, que nos foi fornecida por um dos primeiros negociantes da especie em Paris, a cuja obsequiosidade devemos uma bella colleção de amostras do genero dos diversos países cafeeiros remittido para França. Ela é:

Preços em 3 de julho de 1901:

Santos, regular, valor de 50 kilos.....	30,4 50
Santos, good (bom).....	39,

Santos, superior.....	41 fr.
Santos, velho, prima.....	48 »
Santos, velho, extra.....	53 »
Haiti, Cayes, regular.....	45 »
Haiti, Gonaves, superior.....	56 »
Haiti, St. Marc, extra.....	80 »
Porto-Rico, gregó, superior.....	98 »
Salem (India), superior.....	82 »
Java, Packis, superior.....	83 »
Malabar, amarello, extra.....	86 »
Guadeloupe, Martinica.....	140 »
S. Salvador (America central).....	50 »
Moka, legitimo (Arabia).....	101 »

NB. — Todos estes preços são os do genero aiada no *Entrepôt*, isto é, captivo de direitos.

Sendo, pois, como fica relatado, o custo do café variadissimo, segundo sua origem, isto é, desde 39 francos e 50 centimos, por cem kilos do brasileiro, até 140 francos dos de Martinica ou Guadeloupe, etc., colonias francezas, o que monta ao quadruplo do primeiro, captivos de direitos, que são para uns de 136 francos, enquanto que para os outros são de 68, pelos mesmos cem kilos, temos que uns se elevam a 172 e cincoenta centimos, e os outros a 208 francos e demonstrado fica que o *maiz baixo*, Santos, lucha com o *superior franceos* e quasi o vence, á custa porém do produtor, que onerado com as imposições fiscaes tem de vender o seu producto baratissimo.

Qual a causa da desproporção no valor estimativo do café brasileiro? É' este o ponto para que principalmente se deviam voltar as vistas dos governos.

Se exceptuarmos a importancia que possa ter, e necessariamente tem, a



Vizenda do proprietario

questo da idade do genero oferecido á venda, é fora de duvida que nenhum outro, guardadas as condições de apuro no preparo, acondicionamento, etc., é superior ao do Brasil, e que apenas o modo de sua bonificação ou preparo pôde ter influido em qualquer circumstancia differencial. As differenças de aromas, ou principios volatéis do grão, erã o torrado, o gosto mais ou menos exquisito, mais ou menos agradável, mal os pôde o publico fazer ou descrever, visto que são varios os meios de preparar e expôr o genero, e que em todos os armazens de venda a retalho, d'onde se supre o consumidor, os cafés expostos são productos de *misturas e combinações de diversas especies, ou por outra, de qualidades de diversas procedencias, e que entra, já se vê, na proporção acima apontada o café do Brasil.*

É, porque em todo o deserto ha um ou mais casais, é de justiça mencionarmos aqui dois estabelecimentos que fazem hoje em Paris concorrência ao commercio francez, conhecidos pelos nomes de *cafés Carvalho e café São Paulo*. O primeiro, propriedade d'um cavalleiro muito conhecido no Rio de Janeiro, é uma grande reserva da torrefacção montada com grandissimo esmero e com todos os melhoramentos que a moderna industria *pôde* fornecer, n'aquelle meio de progresso. Abi, como occultamente se faz em todos os negocios do café em

tinnamos. Quaes são, pois, os meios de remediar a crise que asseberba a lavoura do café no Brasil?

É, como facilmente se pôde inferir, complexa e difficil a resolução do problema, mas não insolvel.

Afiguram-se nos pontos corleas os seguintes:

1.º — Mandarem os Governos-Federal ou Estadões proceder ao estudo analytico comparativo das diversas especies, que fazem contraste nas diferentes pragas commerciaes, Havre, Antuerpia, Hamburgo, etc., estudo que deverá ser feito com toda a exactidão e, portanto, por pessoas justamente cotadas na sciencia.

A chimica a sciencia bromatologica trariam o conhecimento do real valor do objecto, ainda por muitos inerminado e por quasi todos desconhecido, e, portanto, temo *te*, a sua adopção geral.

2.º — Fomentar, quanto possível o em vista do precedente estudo, todos os meios conducentes ao melhoramento do producto, seu preparo, seu acondicionamento, sua classificacão, etc., etc.

3.º — Armado com os meios indicados procurar a introdução e uso da preciosa bebida nos lugares onde ella é ainda desconhecida, com manifesto prejuizo dos que, á falta d'ella, recorrem a outras prejudiciaes e mais caras com o que



Fazenda de S. Valentin — Porto Ferreira — Estado de S. Paulo

Paris, são torrados e vendidos productos de varia origem, misturados, tendo por base, já se deixa ver, o brasileiro; no segundo, de mais modestas proporções, mas muito bem organizado tambem, fabrica como o primeiro de torrefacção, vende-se *exclusivamente* o café do Brasil, vindo de S. Paulo, da propriedade do conhecido sr. Manuel Ernesto da Conceição, que é o dono da casa, gerida pelo sr. Alberto A. Della Setta, um cavalleiro inintelligente, e que presta com a sua ragnida propaganda feita aos cafes de São Paulo, em Paris, um relefantissimo serviço á lavoura brasileira.

Estas e outras empresas merecem a attenção dos que têm por dever auxiliar e proteger quem se esforça por tornar visivel e publico o que a fraude e a ganancia commercial escondem.

É agradável ler todas as noites na Praça da Opera, em

letras incandescentes, ora amarellas ora vermelhas *Cafés Carvalho*, bem como em annuncios transparentes d'um cenimtoph do Boulevard *Café São Paulo*, nas côres nacionaes: mas... tudo isso é ephemero e fugidio no torrelho de Babilonia! Registramos, pois, com prater os dois pontos luminosos em meio dos fulgures da electricidade, um em Levelois Perret e outro na rua de Jean Jacques Rousseau, em Paris, occorrendo a todos que as visitem e aprovelem da franca generalidade dos patricios para beber uma chieira do sabroso licor.

Fechado o parenthesis, con-

se alargariam os mercados e multiplicaria o consumo.

4.º — Finalmente, fazer sentir, aos paizes, onde sobre o genero pesa um imposto quasi prohibitivo, que é isso uma onça e não um beneficio á sua economia, pois que o pobre, que no café tem um regalo e um alimento, vê-se em grande parte privado do seu uso, ou condemnado a beber, em vez do café, uma mistura qualquer com que lhe enganam o paladar e derrancam o estomago.

A França, querendo favorecer os naturaes de suas colonias, está no seu direito oppondo essa barreira á entrada dos cafés estranhos; mas quando se prova que o seu consumo é inferior a 20% ao que é de casa, e que o mais é sobre-carregado de modo a tornar carissimo um genero necessario ao pobre, principalmente ao operario, ao soldado e ao marinheiro, as tres columnas fortes da nação, não nos parece difficil uma reconsideração.

No furor de escrever e de procurar as causas da crise da lavoura, tem-se aventado, entre outros, o mau acondicionamento de ensaço e exportação. Vimos cafés das diversas procedencias, as mais acreditadas, e os melhor cotados, e todos elles são remetidos em egualdade de circumstancias, se não inferioridade em alguns, em saccos de viagem pela maior parte mais grosseira do que a empregada nas remessas do Brasil; apenas o Mekka da Arabia vem em ceiras ou involucros de tecidos de palma, pequenos volumes, em que necessariamente as condições de impedimento á volatilização, ou á acquisição de principios extranhos, não são melhores. Como dissemos a cidade é tambem um arguente, e esse tem peso, mas fácil é obviar tal contra, guardando-o, ou conservando-o, ou nas Fazendas ou melhor nos armazens do negociante, que, na valorização, tem o juro correspondente e longo da m-ora, pratica seguida com os vinhos e outros generos, que ganham com reserva.

Ha, custado milhares de contos de réis, e disseminadas pelo mundo, umas entidades, chamadas consules, a quem cumpre, na letra da lei, olhar pelos negocios, que interessam, directa ou indirectamente, aos paizes, que os firmem seus delegados ou magistrados. — Quando se trata d'uma questáo de vida ou de sustinimento parece que deviam ser elles compelidos a fazer alguma coisa em proveito de quem sua e tressua para dar ao seu paiz nome e recursos.

Devermos pôr fim ás breves considerações, que, a respeito da cultura do café esboçamos — breves em relação á grandezza do assumpto, extensas, sem se viaja, pelo pouco merito que tem. Suscitaram estas linhas o desejo de estampar no bellissimo repositorio *Brasil-Portugal* algumas photographias de uma Fazenda Paulista e alguns argumentos em favor da lavoura no Brasil, fonte principal da riqueza da mais importante Republica da America do Sul, honra por muitos motivos do nobre Reino, que lhe deu fundamento e lustre.

Lisboa, 1901.

VISCONDE DE S. VALENTIM.



Visconde de S. Valentin

JARDINS DE LISBOA

S. Pedro de Alcantara

Os jardins publicos tem na vida das populações uma influencia grande, quer moral quer phisicamente: recreiam e dão saúde, perfumam o espirito e o olphato e constituem, so por si, especialmente nas capitães, a *great attraction* dos forasteiros. Entre nós está ainda muito em embrião a vida dos jardins, usada no estrangeiro, como lá tambem a vida dos cafés e a vida das ruas, mas



A alameda de S. Pedro d'Alcantara

cada jardim dos nossos tem já o seu publico e se não vamos lá encontrar durante o dia centenas de creanças brincando alegres, acompanhadas de mããs que trabalham ou de *instituições* que leem, não é difficil ver a certa e determinada hora, n'uma assiduidade talvez um pouco monotonã nas em todo o caso typica, os mesmos frequentadores.

S. Pedro de Alcantara é de ha muito o passeio favorito de toda a gente que tem calor, nos dias de sol quente, e mais ainda nas noites abafadas de pleno estio, com uma differença apenas de ha trinta annos para hoje, e vem a ser que, d'antes, ia-se de proposito até lá, e ia-se de muito longe, chegava-se muitas vezes cansado e suado, só com o fito especial de se apanhar ar, que nem sempre se encontrava em outro sitio, e hoje vai-se lá de passagem, por acaso, porque o americano nos leva até lá, porque o ascensor da gloria lá nos deixou. Ha trinta annos procurava-se avidamente o fresco na vasta alameda, de onde se disfructa em bellissimo panorama, toda a parte oriental de Lisboa, com os seus montes e as suas encostas, até ao Castello, á Graça, á Penha de França, como se procurava a neve do Martinho ou o copo d'agua do Carmo. Hoje, já ha sôrvetes por toda a parte, a agua do Carmo encontra-se em todos os kiosques, fornecida pelos contadores da Companhia, e o fresco não é so apanagão de um determinado ponto da cidade, tão rasgada ella está já de avenidas e ruas largas e tão salpicada de arvoredo frondoso.

Mas o ponto de vista é que reside a todo o progresso, e antes se aperfeicção e se desenvolve tambem com ella. Quanto mais o camartello municipal rasga a cidade, mais vasto e o horizonte, quanto maior numero de casas se construem n'essas novas ruas, maior é o encanto e o pittoresco d'esse panorama.

S. Pedro d'Alcantara é, nas noites quentes, o passeio favorito dos moradores do Bairro Alto; ali discutem politica o velho ama-

nense, morador ha meio seculo na rua da Rosa ou na travessa de S. Pedro d'Alcantara, com o juiz de paz de alguma das freguezias do Chiado; por lá passeiam em doce idyllio os soldados do Carmo com as criadas suas favoritas; ali brincam ninhadas sem fim de pequenos endiabrados que enxaemiam as lojas polvas das ruas estreitas, onde o mundo se desenvolve com uma velocidade desconhecida já nas casas confortaveis dos ricos; por lá finalmente fazem praça alguns exemplares mais vulgares do grande batalhão de Cythera, o que equivale a dizer os mais feios, porque a fealdade é, salvo raras excepções, companheira inseparavel da vulgaridade.

Mas o publico da alameda não é o frequentador do jardim, que fica em baixo, e para onde dão accesso duas estreitas escadarias de pedra. Nunca lá foi mesmo. Os *habitués* dos jardins são as creanças mais *chics*, que vão com o arco e com as bolas brincar algumas horas, enquanto a mestra devora um romance, se é velha, ou finge que lê um livro philosophico, se é nova. Aquella não levanta os olhos senão para seguir receiosa, ás vezes, as traquinices dos pequenos entregres á guarda dos seus oculos e do seu inglez, esta levanta-os a miudo, para adivinhar, no olhar admirativo dos que passam, intenções sobre os seus cabellos que são muitas vezes louros e sobre os seus labios que são muitas vezes rosados. Se adivinha ou não, só o sabe aquelle que se senta mais perto d'ella, e cuja bengala, começando por traçar na terra a lendaria palavra *amo-a*, vai depois servir de cavallo ao menino mais pequeno e mais desiquieto. A bengala é n'esse caso o barometro do amor.

Enquanto escreve, o tempo está chuvoso, mas mal apparece sob as pernas ageis da infancia, o ceu do amor fica azul, o sol da esperanza illumina o espaço. A borrasca passou, o temporal já vai longe, e o remador chega facilmente ao porto desejado.

E' a eterna historia do *flirt* que, em amor, é a primeira parte... e a melhor.



O jardim de S. Pedro de Alcantara

Não é verdade, senhores e senhoras frequentadores dos jardins? Pelo menos é a parte mais descansada, e a mais poetica...

N'este ponto, o jardim de S. Pedro de Alcantara, lá em baixo, é um verdadeiro mananciaal de namoros.

Até o João de Barros, aborrecido com as barbas de Ulysses que lhe fica ao pé, já faz d'olho á Faustina do lado, sem respeito algum pela gravidade historica...

VILANCETE

Por mim, por Vós, pelo ceu,
A face trazei velada,
Senhora, pois sois casada...

Onde quer que Vós sejaes,
Olhos e bocca divina,
Tudo em volta se illumina,
Tudo rompe em madrigaes...
E ao fulgor de encantos teaes
Anda a Moral assustada,
Senhora, pois sois casada...

Eu sei que o mundo vos quer
Ao culto do lar astricta,
Mas Vós, assim interdita,
Porque inda ficaeis mulher?
Diga o mundo o que disser.
Ou véo, Senhora, ou amada
Sereis, embora casada!

Que olhar-vos e ver os ceus,
Leve delicto seria...
Mas vosso olhar inebria
N'esta ascensão para Deus...
Peccados, peccados meus,
Quantos poupáreis velada,
Senhora, pois sois casada!

Numero do "Intermezzo,"

(H. HEINE)

Foram dizer-te a meu respeito, infamias
Crimes, horrores... mas vae,
E do mal dos meus peccados
Ninguem te levou recados,
Ninguem me accusou de um ai...

Deram-se grandes ares... succudiram
Cabeça e juizo a arder,
Chamaram-me o demo, e — triste! —
Eu, meu amor, tudo ouviste,
E tu deixaste-os dizer...

Só do peor te não disseram elles
Pois não n'ó sabiam, não! —
Que a estúpida cousa grave
Andava fechada á chave
Dentro do meu coração! —



Lisbon vista de S. Pedro de Alcântara

Eterno luar

Festa de luz, de sons e de poesias
no céu, no ar, na terra esplende, brilha,
da Via-lactea, na radiosa trilha
descem ondas de luz e de harmonias.

Resplende tudo. E a tristeza, filha
de amarguras cruéis, tem melodias;
e o mar, sonorizando as penedias,
canta envolto nas gazes de escumilha.

Tudo vive da luz: da luz vivamos
nós que, acima de tudo, nos amamos
alheia dos prantos, das torturas,

nós que teremos — creença abençoada! —
nossa trilha de amor illumina
pelo luar eterno das venturas.

Brasil — 1901.

Maria Stellina Valmont.

Noite de luar

Noite serena e branca e langorosa...
Lá do ceu pela limpida esplanada
toda de cyrios de ouro constellada
vaga divina a lua silenciosa.

Em cada ninho, em cada flor, em cada
estrella no azul fulgindo radiosa
alguma coisa existe mysteriosa
a nós profundamente irrevelada.

Noite que encanta e noite que entristece,
que diz no teu silencio a muda prece
das coisas? O que, pois, teu seio encerra?

Noite cheia de luz e de mysterio,
levas talvez para o Azul sidero
o desespero, a queixa, a dôr da Terra...

José Newton.

Brasil — 1901.

Theodoro Rodrigues.



FECHE-SE o verão, abrem-se os theatros. E' natural. Póde mesmo dizer-se que a razão porque Lisboa prefere o inverno a todas as estações é porque com o seu inicio coincide o inicio da epocha theatral.

De todas as instituições nacionaes nenhuma mais util, mais importante, mais duradoura. Podia, de subito, um ukase despotico, á moda da Russia, arrancar-nos os tribunales, os deputados, os ministerios, o Codigo Civil e a Carta Constitucional, S. Bento e o Paço de S. Vicente, o Banco de Portugal e a Casa da Moeda, os Jeronymos, a Alfandega, o Alto de S. João; e tudo nos resignariamos, contra essa extorsão violenta nenhum protesto levantaríamos, e acabariamos por pôr as culpas á Providencia, que á ultima hora nos desamparava... levando-nos tudo.

Ponde agora, porém, na mente, só por um instante, que ao lado d'esse decreto terrivel um outro apparecia, e que por effeito d'elle lá se iam os theatros!

Os que sonham com a revolução social ou seja promovida pelos operarios, ou pela finança, ou pela fome, enganam-se redondamente; a unica revolução que se sobrija no horizonte, caso esse decreto apparecesse, é essa, exclusivamente essa. Governo que se julgaesse investido de taes poderes que tentasse pôl o em pratica seria derribado de chofre. De um lado o sr. Paccini, o sr. Souza Bastos, o sr. Santos do Colyseu e os mais restantes emprezarios a gritarem todos: "Aqui d'El-Rei que vos querem pôr fóra, que nos querem fechar os nossos theatros, e do outro lado toda a guarda municipal e toda a policia civil a darem força á ordem do governo, e não nos resta a menor duvida de que Lisboa inteira accudia ao chamamento dos emprezarios, e que os guardas municipaes, bem escarmentados, tinham de recolher a quartéis, se não fosse... ao hospital.

E este affêro ao theatro, este habito inveterado, esta necessidade, ao mesmo tempo moral e phisica, de ir passar a um theatro algumas horas da noite, acabam de ter a sua absoluta confirmação na abertura dos primeiros theatros. Havia evidentemente uma séde difficil de estancar, uma ancia insaciavel. O publico, todo o publico — clero, nobreza e povo — andava como que alheado de si mesmo, sentindo o que quer que fosse que se parecia com uma falta, a privação, que o atormentava, de qualquer coisa necessaria á sua vida, ao seu bem estar.

Abrem-se os primeiros theatros; os Colyseus, a Trindade, o Gymnasio a Avenida, a Rua dos Condes, o Principe Real, D. Amelia, e pouco a pouco vão desaparecendo os sistemas moribundos que tanto já estavam preocupando os assistentes. Aclarou-se o olhar, desenrugaram-se as faces, a voz tornou-se nitida, os labios esboçaram um sorriso, veio a côr, voltou o appetite, subiu a temperatura, apagou-se a febre: estava salva a população — estavam enfim abertos os theatros.

E justo é notar que de todos apenas um rompeu a epocha com peça nova. Honra seja ao bonito e popular theatro do Principe Real, que se tirou dos seus cuidados e abriu com um drama em primeira mão, drama que por signal se chama *Clomaria*, que o sr. João Solier adequou com brilho áquelle theatro, peça fecunda em lances patheticos e peripecias imprevistas e realçada na representação de artistas como Adalina Ruas, a eximia protagonista, Joaquim d'Almeida, Verdial — que fez o seu apparecimento na scena em Lisboa — Maria das Dores, Amelia Pereira, Setta, Baptista e outros. Se se acrescentar que no exito da peça collaboraram Eduardo Machado e Julio Barros, os pintores a quem se deve o magnifico scenario, e Thomaz Del-Negro, com o seu

excellent e inspirado numero de musica, tem-se dito o bastante para justificar o exito obtido.

Por todos os outros *represes* sobre *represes*. Peças para muitas das quaes mais de uma geração se conservou de ouvido attento, estando algumas já tão cançadas e vistas que a muito boa gente se afigurava terem dado a alma ao Creador. Pois de tal qualite era a ancia theatral do publico, que nenhuma d'essas deixou de ser vista, bem revista, e ainda com delirio applaudida. E digam-nos agora que não temos razão, e contestem-nos, se são capazes, de affirmação categorica que fazemos: de que a primeira, a maior, a mais mais respeitavel instituição nacional é... o theatro.

Portanto, que dizer de novo dos que estão abertos e dos que vão abrir? Não é a uma secção noticiosa que estas columnas são destinadas, e não nos perdoariam os milhares dos leitores do *Brasil-Portugal* se as preenchéssemos com a lista de todas as peças de todos os auctores e de todos os artistas, que se annunciam para todos os theatros. São tantas e tantos que só a nomenclatura daria para muitas columnas.

O que basta saber e acrescentar é que os nossos mais laureados escriptores dramaticos ou que se escredentam ou estão em via de completar peças novas, que, se os precedentes não falham, vêm acrescentar novos triumphos aos já conquistados. Teremos Eduardo Schwalbach, Lopes de Mendonça, Raul Brandão, Julio Dantas, D. João da Camara, Marcellino Mesquita, e outros ainda, que vão de novo apresentar-se ao publico, seu velho conhecido e de muitos d'elles amigo comprovado. Teremos tambem auctores novos, e d'entre esses destacando e chamando a attenção para o seu primeiro trabalho theatral, o sr. conde de Arnoso, que n'outra esphera de actividade litteraria, ganhou ha muito as esporas de ouro. A acompanhá-lo, a collaborar com elle na mesma tentativa — assim lhe chamamos antes de vel-a consagrada — outro escriptor novo, dos que mais sabem burilar a bella linguagem portugueza; o sr. Alberto de Oliveira, tão apreciado que dispensa a apresentação.

E, para não citarmos outros, alem de Narciso de Lacerda, que tem nome feito como prosador e poeta, dois ainda se apresentam de armas em riste a entrar na lucta; os srs. Faria Machado, poeta de talento promettedor, e Thomaz de Eça Leal, que tem firmado contos feitos com engenho e graça — o que não é pouco para quem está no principio.

A par de tantos acceptions "litterarias" que se estão annunciando o que já estão fazendo crescer a lingua na boca aos verdadeiros *gourmets*, prepara-nos noites intellectualmente deliciosas a empreza do *D. Amelia*, que vai fazer desfilar aos nossos olhos os astros mais puros e brilhantes do ceo theatral da França e da Italia, e que vai exhibir nos novos mundos de arte e de poesia.

E se depois de tudo, de tantas promessas e regalos de espirito, vier algum reeditar a velha phrase de que a Europa começa para lá dos Pyreneos, responder-lhe-hemos que o espirito de desmentir bem alto, quando nos transmittem a travéz do seu bello espirito de artistas, impondo-nos á nossa admiração e arrancando-nos applausos, o espirito sublime dos grandes poetas e escriptores de theatro de todos os paizes cultos.

E... está aberta a chronica theatral.



BARYTONO RAPHAEL SALVATERRA

O debutante do Theatro da Trindade

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa : Companhia Nacional Editora
Largo do Cond. Barão, 50

Tipografia supplementares : Off.º Eclético Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 a 24

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor — Luis Antonio Sanchez

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125
End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	36000	Anno.....	36000	Anno.....	78000
Numero avulso Moeda brasileira.....	28000	3 mezes.....	10500	6 mezes.....	48000
		Numero avulso.....	3300	Numero avulso.....	6600

SUMMARY

Conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho.
Politica internacional — CONSILIERO PEDROSO.
A nova Camera Municipal de Lisboa — (A com-
missão administrativa).
A canhoneira-torpedeiro «Tejo».
A arte — JULIO DE CASTILHO.
Fabrica de papel do Caíma.
Pandemonio — E. A. VIDAL.
Missão á China.
O assassino de Mac-Kinley.
Elegancias e mundanidades — O espartilho e a
sombriinha — PINO DE CARVALHO (Tinop).
A cultura do café — A fazenda Paulista — VIS-
CONDE DE S. VALENTIM.
Jardins de Lisboa — S. Pedro de Alcantara.
Villacete.
Numero de «intermezzo» — JOSÉ NEWTON.
Eterno luar — MARIA STELLINA VALMONT.
Noite de luar — THEODORO RODRIGUES.
Theatros — JAYME VICTOR.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
O «Brasil-Portugal» em S. Paulo.
O nosso proximo numero.
Bibliographia.
O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa).
Cartas da Quinzena.
ANNUNCIOS.

30 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os se-
guintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO o S. PAULO — Agencia Central
dos Estados do Sul, Coronel Theodilo Pupo de Mo-
raes e José Martins Pollo, Rua da Afandega, 4, sobrado.
PARANÁ — A. Leopoldo da Silveira.
PARÁ — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua
João Alfredo, 55.
PERNAMBUCO — Jayme & Camara — Livraria Classica —
Rua Guilherme Moreira.
MARIANHO — Leoncio J. da Medeiros & G.º
SALVADOR — Sales Torres & O.º
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria
Magnifica) — Rua Direita do Palácio, 28.
PELOTAS — Carlos Pinto & G.º (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & G.º (Livraria Ame-
ricana).

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
HENGUELLA — Mathus & Tavares.
LODRENCO MARQUES — D. Bernardo Heitor da
Silveira Loreto.
BOLAMA (Guinea) — Oscar A. Gouveia da Silva Ro-
quem, Theosoreiro geral da Tróvis.

No India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luis
Francosa — Rua Afonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,
240.
EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis
Freira Correia. Rua da Ladete, 18.
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
FONTES DE LIMA — Gama, Amaraí & Com.º.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas. Arco do Ivo, 1.º.
CASTELLO BANCO — Pedro Augusto Pessoa.
ABRANTES — Antonio Augusto Salgueiro.

ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
A J COBACA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
GORCHUE — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

O «BRASIL-PORTUGAL» EM S. PAULO

E' representarte do **Brasil-Portugal** em S. Paulo (Brasil) o sr. Daniel Monteiro de Abreu, rua 15 de Novembro, n.º 7.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O n.º 67 do **Brasil-Portugal** abrirá com um bello retrato de

CLARA DELLA GUARDIA

a celebre actriz italiana, que, por duas vezes, já tem visitado o Brasil, e que se estreiará em Lisboa a 3 de novembro.

Bulhão Pato

o notabilissimo poeta e prosador, que é uma gloria da litteratura contemporanea, honrará as nossas paginas com um primoroso artigo, mais uma narração arrancada ás suas memorias.

Acompanharemos a **Chronica Theatral** com o retrato dos escriptores cujos originaes se representaram já nos nossos theatros, e daremos outras novidades litterarias e artisticas, de occasião.

Sahirá tambem no n.º 67 uma musica inedita de

Oscar da Silva

o nosso grande pianista e compositor.

BIBLIOGRAPHIA

Terras de Portugal — Ribeiro de Carvalho

Livros de versos! Ha tantos! Mas este é dos que merecem registro, porque os versos que elle encerra descobrem-nos um poeta, sentido, inspirado, um poeta á la

Como é bonita a poesia **Os Pescadores!** Que deliciosos são alguns dos seus fados, quadras ligeiras, graciosas, para cantar á guitarra, á qual Julio Cesar Machado dizia que era preciso ter amor, porque nunca haviamos tido outro instrumento senão elle, nem outras musicas senão o *lullam* e o fado.

O poeta procede as suas quadras d'esta phrase tão verdadeira do graciosio folhetinista.

Quando aos choupos cê a rama
E' que é morrer por amor...
O Outono faz-nos a cama
E a gente dorme melhor.

E outra:

O meu coração ao vêr
Como o preto te está bem,
Só de um sonho lhe morrer
Pôz-se de luto tambem...

E mais:

Lavadeira, cõr do linho,
A' beira da agua a cantar,
Dize ao rio, cotadinho,
Que não vá sempre a chorar...

E, para terminar, ainda esta:

Ando ceguinho, entre escolhos,
Ando perdido a valer,
Pois desde que vi teus olhos,
Nada mais tornel a vêr...

A arte e a natureza em Portugal

Os srs. Emilio Biel & C.º, do Porto, photographos e editores dos mais acreditados do paiz, estão prestando um relevante serviço á arte e á archeologia nacional com a publicação d'esses excellentes albuns que sob o titulo de *A arte e a natureza em Portugal*, apparecem periodicamente, estando já quatro publicados.

As photographias representando edificios e monumentos portugueses, em que a antiga arte religiosa brilha em todo o seu esplendor, levando longe das fronteiras o nome dos esculptores, dos architectos, dos entalhadores, de tantos artistas que levantaram o nome de Portugal, são de uma integridade e de uma perfeição taes que soffrem a competencia com os melhores trabalhos do estrangeiro.

Impressos em excellente papel cartão, são acompanhados de eruditos e substanciosos artigos descriptivos firmados por nomes illustres como os dos srs. Joaquim de Vasconcellos, José Caldas, Rodrigo Velloso, etc.

A' casa Biel do Porto, agradeço a remessa dos magnificos albuns.

O amor é um cachimbo: enchemol-o aos dezeseis annos, fumamol-o até aos quarenta, e depois andamos succedendo-lhe a cinza até requiem.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

A nova Camara

Fizeram-se as eleições em paz e socego, e os resultados foram os que havíamos vaticinado. Os republicanos não lograram vencer,—tiveram mesmo votação inferior á da ultima eleição,—os franquistas só conseguiram vingar uma candidatura, exactamente pela minoria de Argami, que o governo deixára á disposição do chefe do grupo; e os progressistas que tiveram a pretensão de disputar a maioria no Funchal, não o conseguiram.

Confirmaram-se assim os calculos que fizemos no ultimo numero.

A nova camara fica portanto assim constituída:

Regeneradores ou governamentais: 105.

Independentes affectados ao governo—5.

Progressistas—39.

Franquistas—1.

Independentes que votam com a opposição—1.

Portanto o governo tem uma maioria de 69 votos.

Os deputados que pela primeira vez veem á Camara são: Carlos Malheiro Dias, escriptor muito novo, auctor de varios romances e entre elles o *Filho das Heras*, que teve exito litterario; Conde de Castro e Solla, magistrado; João Craveiro d'Oliveira, tenente de engenharia e ajudante do Ministro da guerra; Dr. Luciano da Silva, lente da Universidade; Belchior Machado, empregado no Ministerio da Marinha; Alvaro Rego, secretario do Ministro das Obras Publicas; Poças Leitão, engenheiro; Dr. Lopes Vieira, advogado e orador brilhante; João Mello e Vasconcellos, major e antigo promotor de justiça; Petra Vianna, industrial e director do Banco Lusitano; Hypacio de Brion, official de marinha; Mendes de Alcantara, proprietario; e Frederico Martins, advogado no Funchal. Estes todos são regeneradores.

Pela opposição progressista não vem nenhum pela primeira vez ao parlamento.

O deputado franquista é o Sr. Mello e Souza, negociante e antigo director do Banco Commercial de Lisboa, financeiro muito illustado que se distinguio na discussão de questões de fazenda, combatendo o ultimo gabinete progressista. Era ha muito indigido para o Ministerio da Fazenda na primeira situação regeneradora, mas as suas ligações peescaes com o Sr. Conselheiro João Franco, já ao tempo da subida do ministerio Hintze um pouco zangado com o partido, fizeram com que elle não accesse ao convite para essa pasta. É um orador fluente, energico, bom argumentador, mas falla só quando conhece as questões e está longe de ser um parlamentar, na accepção lata da palavra. Isto fará, ao que se diz, com que renuncie e o seu lugar, visto que a posição isolada em que ha ficara na Camara lhe seria muito desagradavel.

D. Pedro de Bragança

No nosso porto africano, a Beira, tocou em principios de agosto, um vapor que levava á bordo o Principe D. Pedro de Orleans, neto do Im-

perador do Brasil D. Pedro II. O governador da Beira recebeu-o com todas as honras de Principe parente da familia real portuegusa.

Delimitação de fronteiras

Terminaram já os trabalhos de delimitação de fronteiras com o Congo francez, e por isto retiraram já a Lisboa os officiaes da armada Fontoura da Costa e Manoel dos Santos Fradique, e a França, os commissarios Alfred Fourneau, Gabriel Dujour, e Stanislas Micheau.

Os trabalhos que se haviam interrompido em 1894, por causa de umas duvidas, continuaram agora sempre amigavelmente. Foram demorados porque a região atravessada é longa, uns 500 kilometros quasi todos de floresta cerrada e accidentada.

Pela apresentação do relatório fica concluida a delimitação de toda a enclave de Cabinda.

Expedição para Macau

Hontem partiu a bordo do transporte *Africa*, o contingente de forças para Macau, sob o commando do major Joaquim José Bragança. Este contingente compo-se de infantaria, artilheria e cavallaria. Todos os officiaes e soldados levam uniformes novos, cinzentos, com grandes alambres e chapéus desabados, com plumas, e polainas amarellas.

Quando embarcaram, chovia copiosamente. Na ponte do Arsenal aguardava-o o Ministro da Marinha com o seu ajudante, o director geral do Ultramar e varios officiaes superiores de marinha. Durante o embarque a banda de marinhinhos tocou o hymno da carta.

O navio levantou ferro ás 3 horas da tarde.

Barcos perdidos—Pescadores mortos

Da praia da Nazareth haviam partido para a pesca uns vinte barcos conduzindo perto de 200 tripulantes. O tempo estava bom, e a esperança no resultado da pesca era grande. Mas perto das Berlengas spanha os um tufão e de repente todos se julgam perdidos. Debalde os esperam na Nazareth, entre sobresaltos e desconfianças, as familias.

As auctoridades maritimas mandam-lhes socorros; parte mesmo o cruzador *S. Gabriel* a procurar os nas costas, quando um telegramma os diz arribados a Pêniche. Salvos, emfim! Infelizmente nem todos, pois um batel com 19 pescadores naufragou, e ess e eram:

Manuel Bombas, armar e proprietario, Joaquim Camborne, José Camborae, Ivo Camborne, Antonio Lyra, José da Batata, João Engeitado, Olympio Carcal, João Damasco, Antonio Maria Sousinha, José Bombas, Antonio Maria Caixeiro, Alfredo da Christina, um irmão d'este, de quatorze annos, Miguel Camborne, um sobrinho do dono do batel, e mais tres.

Desolador espectáculo depois do da praia!

Lisboa—O sr. Ministro da Fazenda Conselheiro Mattozo Santos foi agraciado com a grã cruz da Estrella Polar.

—Aquelle individuo, empregado nos correios, que um marido encontrou no sotio da sua casa no Arco do Gego, desfechando contra elle um tiro de pistola, respondeu já no Tribunal, sendo condemnado a 40 dias de multa custas e sellos do processo.

—O cadáver do Visconde de Faria, fallecido em Paris, é esperado a 21 d'este mez, a bordo do vapor *Chili* para ser sepultado em um dos cemiterios d'esta cidade. Acompanha-o seu filho o sr. Antonio de Portugal de Faria.

—Breve será lançada á agua a nova canhoneira *Tojo* que espera apenas as machinas motoras fornecidas por uma casa italiana, com a força de 15 killo Watts.

—O sr. conde de Ficalho, mordomo-mór da Casa Real foi agraciado com a grã cruz de Torre e Espada.

—O mesmo titular, que tem estado doente, pediu a exoneração de inspector da Academia das Bellas Artes.

—Espalham alguns jornaes inglezes que ha negociações entre o governo de Londres e o nosso para se estabelecer uma união aduaneira entre o Cabo, Natal e Lourenço Marques.

—O adido militar francez, Visconde de Cornellier, major do Estado maior que viera assistir ás manobras, retirou já para França, depois de ter ido agradecer a El-Rei e á Rainha o amavel acolhimento que elle e os seus collegas estrangeiros haviam tido no nosso paiz.

—Tomou posse do cargo de governador civil o sr. conde de Sabrosa.

—Gastou tres horas exactas o nadador Manoel dos Santos Henriques, em atravessar o Tejo, desde do Bom Sucesso até á Trafaria, onde á sua chegada, lhe fizeram uma ovação.

—O sr. Visconde de Faro e Oliveira acaba de soffrer um golpe dolorosissimo com a morte de uma filha de onze annos, que apenas esse doente de uma semana. A sr. Viscondessa continua inspirando cuidado, agravao agora o seu estado com a desgraça que a feriu no coração de mãe.

—Esteve de passagem aqui o sr. Roger Casement antigo consul inglez em Lourenço Marques e Loanda e hoje consul no Estado Independente do Congo.

—Regressou do estrangeiro com sua esposa o ex-ministro dos estrangeiros sr. João Arroyo.

—Foi agraciado com o titulo de Conde de Verdide o antigo deputado João Santiago Gouveia.

—No ministerio das obras publicas deu entrada um requerimento em que o conselheiro Ramada Curto e o engenheiro Costa Ferrão pedem a concessão de uma linha de tramways electricos, que, partindo do Burreiro ou Seixal, siga por Cezimbra, com ramal para Azeitão até Setubal, ou á estação de Palmella.

—Chamado pelo Ministro da Marinha, veio da Lunda, o governador sr. Verissimo Sarmento que apresentou ao governo um relatório minucioso sobre siccões e aguardentes.

—Foi a Prince Line Limited de New Castle, quem comprou por 42000 libras esterlinas em ouro, o que hoje representa perto de 270 contos, os vapores da Mata Real Portuegusa o *Rei de Portugal*, o *Milange* e o *Alvares Cabral*.

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

R. 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria.—A primeira peça nova que se representará agora é a de Erekman e Chartrion, *Os Rantzau*, traduzida pelo sr. Lino de Assumpção, a 9 ou 10 de Novembro.

D. Amélia.—A primeira recita de Della Guardia é a 3 de Novembro, com a *Zaça*.

Entretanto a companhia Rossas & Brasão parte no fim do mez para o Porto, e dá ali 12 recitas, representando pela primeira vez a *Corrida do Facho*, tradução de Accacio Anunes.

Em Coimbra dá 3 recitas com a *Viagem a Turquia*, *Alcaer Kibir* e *Aldeia na Corte*; em Braga duas com a *Estrangera* e o *Marquez de Villener*; e na Figueira outras duas com a *Estrangeira* e *Madrugada*.

Trindade.—Ensaia agora varias peças que devem constituir o grande repertorio que a companhia tenciona levar ao Brasil, para onde parte no proximo verão.

—A *Toulnegra do Templo*, tradução de Eduardo Garrido, é assim distribuída:

Saint Augerin.....	José Ricardo
Pedro Aubertin.....	Raphael Salvaterra
Abril.....	Almeida Cruz
Ben Ahmed.....	Queiroz
Trecourt.....	Telmo
Theresa.....	Delphina Victor
Zelia.....	Isaura.

—Voltou de Paris, o Ministro de França, Mr. Rouvier.

—A companhia carris de ferro, da tracção electrica, vae pôr em circulação carroças automaticas para transporte de carga.

—Houve uns motins na cadeia do Linoeiro, sendo necessario mandar um reforço militar para a porta, e a presença do Procurador regio para restabelecer a ordem. Os presos formaram barricadas e enclausuraram-se nas enxovias. Como não se submettessem, resolveu-se rendel-os pela fome. Não foram precisos muitos dias, e os conhecidos como cabeças de motim foram depois enviados para a Torre de S. Julião da Barra. Os presos explicaram os seus motins como protesto á demissão que ia ser dada ao Director da cadeia. Historias!

—Este funcionario foi effectivamente exonerado a seu pedido.

—Ardeu um palheiro proximo da quinta de Milfontes na estrada militar de Camarate. Foi preso um homem, Vardasco, suspeito de lhe ter lançado fogo.

Porto.—Foi querrelado o jornal *Diario da Tarde*, por abuso de liberdade de imprensa.

—Ja funciona em Gondomar a nova repartição de contrataria, bem como as officinas para apposição de sellos a tinta de oleo nos titulos estrangeiros.

—Na morgue foi autopsiado o cadaver de Joaquina Rosa Brígida, que morreu repentinamente em Villa Nova de Gaya.

—Presidindo o sr. D. Antonio Barroso, bispo da diocese, realison-se a abertura das aulas do Seminario Episcopal, com uma assistencia numerosa e distincta.

—Depois seguir-se-hão em scena:

Arte nova, revista em 3 actos e 12 quadros, de Accacio de Paiva.

Shakespeare, opereta traduzida por Accacio Anunes.

A posta do Floriano, tradução do allemão, de João de Freitas Branco.

Viagem de Corbillon, vaudeville em 4 actos, traduzido por Luiz Galhardo.

Gymnasio.—Peças em ensaios:

O senhor tenente, comedia allemã de Von Moser, para beneficio da actriz Barbara, com esta distribuição:

Stern, major reformado.....	Ignacio
Oscar de Silburg.....	S. ller
Frederico de Waldow, capitão de hussardos.....	Telmo
Arthur Freiberg, advogado.....	Annibal Pinheiro
João, impedido do major.....	Sarmento
Um impedido.....	Salles
Um impedido.....	N. N.
Maria Freiberg.....	Barbara
Bertha Stern.....	Emilia Berardy
Mathilde de Siburg.....	Palmyra Torres

O filho artificial—3 actos adaptados de uma peça ingleza pelo sr. J. Freitas Branco.

Casamento politico—1 acto original do sr. Sabino Correia Junior.

O mote—1 acto hespanhol traduzido pelo sr. Carlos Trilho.

Rua dos Condes.—O titulo da *Revista do anno* que os srs. Alfredo Mesquita e Camara Lima estao escrevendo para este theatro é na *Ponta da Unha*.

Avenda.—Tem em ensaios a opereta de Ordonneau, que os srs. Bruno de Miranda e Salvador Marques traduziram com o titulo de *Estudantes e Costureiras*.

Estas são Jesuina Marques, Rosa Paes, Virginia de Mendonça, Isabel Costa, Consuelo, e aquelles Eusebio, Armando de Vasconcellos, Carreira, Santos, etc.

A musica é de Philippe Duarte. Sob a scena a 3o d'este mez.

—A Companhia Fiação Portuense esteve reunida para apreciar o relatório de uma comissão de accionistas, nomeada ha tempos para syndicar os actos da gerencia.

A comissão achou os regulares, havendo por essa occasião discursos violentissimos, combatendo energicamente o procedimento da direcção, que o presidente da assembleia e outros accionistas pretendiam defender.

No meio de grande rebolição a sessão foi interrompida.

Foi em seguida nomeada uma comissão para examinar os actos anteriores da direcção, como fiscalis os que de futuro ella realisar.

Vae ser convocada nova assembleia geral.

—Uma comissão de arbitadores judicias do norte do paiz, vae entregar a El-Rei uma representação contra o decreto que extinguiu a referida classe.

Os operarios padeiros vao, auxiliados pela federaçáo, distribuir um manifesto, protestando contra o limite das padarias.

—Morreu afogado em Leixões um pobre operario de nome Delphin Soares, que alli andava trabalhando.

—Os moradores da rua Visconde de Setubal e vizinhanças fizeram um abaixo assignado a autoridade para que não consinta fabricar de artigos de pyrotechnia em logares povoados.

—Fechou a exposiçáo symbolica e de raridades, cujo producto era destinado aos pobres do Porto.

—Defendeu these na Escola Medica o sr. Alexandre Monteiro e fizeram exame de pharmacia (1.ª classe) os srs. Manuel José Pereira e Fernando Augusto dos Santos, ficando approvados.

—Para o primeiro de Novembro, prepara a empreza uma grande *matinée* para creanças, com o *Cabo da Caçorla*.

Principe Real.—Depois da *Chamariz*, far-se-ha *reprise* da peça de D. João da Camará *Rosa Engeitada*, indo a seguir para beneficio da actriz Adalina Ruas o *Az de Paus* de Descourcelles.

A distribuição dos papeis, é a seguinte:

João Claudio.....	Joaquim de Almeida
Robert.....	Pires
Mondetour.....	Miguel Verdial
Brioret, policia.....	Setta da Silva
Marcell Bernier.....	Baptista
Jorge de La Pommerage.....	Lopes
Gondolo.....	Machado
Nini Gendormi.....	Adalina Ruas
Branca de Auberval.....	Amelia Pereira
Noemi.....	Julia de Assumpção

Vae entrar em ensaios o *Gebo*, peça original do sr. Raul Brandão.

Infante.—Reabre breve as suas portas, com a *reprise* da *Historia da Carochinha*, de Eduardo Schwalbach que tão grande exito obteve no seu publico infantil. Depois seguir-se-ha o *Natal do Redemptor*, de D. João da Camara.

Colysoz dos Recreios.—As estreas succedem-se e ao contrario dos dias, se *resemblent*, no exito e no enthusiasmo. Para breve, debute do gymnasta portuguez Seraphim da Silva, equilibrista eximio; as «Camaleones», trabalho de effeito lindissimo; a troupe acrobatica Ancillotti; os athletas Bobby-Pandur, e a gymnasta Paula-Piquet.

Real Colysoz.—Alguns dos artistas, que em Lisboa se estrearão no Colysoz dos Recreios, passarão depois para este circo.

Assim, apparecerão alli, e foram applaudidos, os argolistas Woson's, o *jongleur* Lefevre, o *clown* Cardono, os pintores Gobier's, etc., etc.

—O tribunal do commercio abriu fallencia ao sr. A. A. Sousa Alvim, negociante de fazendas brancas.

—Falleceu na cadeia Joaquim Pereira o *Salgado*, atacado de tuberculose.

—Defenderam these na Escola Medica ficando approvados Adolpho Augusto Pereira e Antonio Metello.

—Na fabrica pyrotechnica das Devezas deu-se uma grande explosão, de que resultaram grandes prejuizos.

—Numa das officinas, construída de pedra e cal, estava o operario Augusto Ribeiro das Neves moendo polvora n'um almofariz de ferro. Devido a qualquer facto, a materia explodiu, produzindo grande estampido.

A casa desabou e o pobre trabalhador, que teve morte instantanea, foi arremessado a grande distancia.

Proximo, estava uma rapariga de 15 annos, Luzia da Silva, que tambem morreu asphyxiada.

O fogo communicou-se a uma outra casa em frente onde havia grande numero de fogo e foguetes que se inflamarão rapidamente deixando horrivelmente queimado um pobre homem de nome Joaquim de Oliveira, de 27 annos, que a muito custo foi tirado para fora.

A fabrica não estava no seguro, em vista das companhias se recusarem a segurar fabricas d'esta natureza. Os prejuizos são grandes.

—Vae ser estabelecido aqui o serviço de distribuição a domicilios pela grande velocidade á imitação do que existe em Lisboa.

—Uma infeliz creança de seis annos, filha de Antonio Pinhel, merceiro na Aflorada, cahiu um d'estes dias da janella, fracturando o craneo.

— O jornalista catholico Fernando de Souza, (Nemo) que foi muito tempo director do *Correio Nacional*, de Lisboa, publicou no jornal *A Paiz* uma declaração em que affirmava abandonar de todo a imprensa.

— Foi mandado archivar o processo de fallencia de José Antonio Pinto de Oliveira.

— Em Leixões desembarcaram tres frades allemães, para visitar os pontos mais principaes do Porto, mas no sahirem d'um carro cahiu na praça de D. Pedro, e morreu assasado.

— Os frades, que continuaram a ser perseguidos, refugiarão-se em um trem de praça, que os conduziu novamente a bordo do paquete allemão *Rio*, que partiu para o Brazil.

— Já tomou posse: do observatorio da Serra do Pilar a Academia Polytechnica, que vai melhorar essa installação e os serviços os quaes devem ficar ligados com os dos Açores.

— O escrívão de fazenda de Gaya o sr. Julio Vieira, ao tomar banho na Foz do Douro, saltando com a cabeça para baixo, ficou enterrado no lodo, sendo tirado a muito custo, com contusões nas pernas. pel. s esforços feitos para sahir d'essa posição.

— Nos tres primeiros dias de Novembro reunio o congresso de emigrantes no commercio.

— Em Gondomar, á Foz, Carlos Augusto Affilho, de sessenta e tres annos, empregado da camara municipal, ao aprear se de um carro americano que ia em marcha, cahiu desastreadamente, sendo apañado pelas rodas, que lhe decaparam a perna esquerda e a direita.

— Proximo da Granja, cahiu de um comboio tramway o revisor Joaquim Monteiro, que ficou muito ferido na cabeça, olhos e braços.

— Foi autorisado o estabelecimento de um posto de soccorros a naufragos em Leixões, dentro da zona do castello de Leiza. E' um melhoramento importante.

— Na accissão em que diaz meia, teve um ataque apoplectico o capellão da Real Confraria do Bom Jesus de Mattosinhos, rev. Joaquim Gonçalves Pereira.

— A camara municipal adjudicou ao empreiteiro Antonio Domingos Duarte, por 45000000 réis, a construcção do novo edificio para o Collegio dos Orphanos, nas ruínas do seminário velho.

— A policia prendeu Antonio da Silva, capitalista, que agredira á paulada Vicente Fragateiro n'uma taberna de Valbom, no visinho concheo de Gondomar. Este ultimo falleceu.

— Subsidiado pelo Governo, partiu para Paris, a fim de curar no Conselheiro, um ayulado da Officina de S. José. Foi acompanhado pelo director da instituicao, o rev. padre Sebastião de Vasconcelos.

Alandroal.—Aderam as médias de calva e feno da quinta de S. Bento da Piparia, a 2 kilometros d'esta villa, pertencente ao lavrador Augusto Cesar da Fonseca. Avaliam-se os prejuizos em 500000 réis. Suspeita-se que fosse lançado por malvadez.

Anadia.—Estão sendo demolidas umas casas expropriadas ultimamente ao sr. Antonio Ferreira Duarte, no largo Municipal, junto á cadeia, para ser constituído um grande largo, que comprehenderá o largo Municipal, o terreno que pertencia áquelle cavateiro, e o que se achava na praça Velha e praça Nova, onde actualmente é feito o mercado semanal e onde deambocam duas das avenidas recentemente abertas.

E' um melhoramento de grande valor para a Anadia.

Arraiolos.—N'uma herdade da freguezia da Egrejinha, quando o sr. José Carvalho estava dando procedencia á divisaõ de um sitio de moinho, descobriu, ao fazer uma escavação um cemiterio romano. O achado tem sido alvo de bastante curiosidade.

Aveiro.—Ao lançar-se á agua o barco de pesca da companhia do «Velhinho», foi esmagado um filho do arrees José Casqueiro.

— Vae ser reparada a diçã de Aveiro á Barra e pontes da Gafanha e Portas d'Agua.

Barcellos.—Já principiarão as obras de pedreiro para a conclusão da fachada principal do edificio dos paços do concheo. Logo que as obras estejam concluidas, fica um edificio grandioso, como poucos de terra de provincia.

Beja.—Quando a estrada das Dões Garapinha seguia em cima d'uma arreeca que conduzia entulho, cahiu, p-sando-lhe uma das rodas sobre o estomago e o pé, matando-o.

Covilhã.—Foi a rematada pelo sr. Antonio Martins de Figueiredo a construcção do novo edificio da escola de instrucção primaria da Condeição.

Evora.—Um carroiro de nome Mamão deixára, na rua do Galvardo, um carro carregado com urva, quando all'apareceu Joaquim de Camargo, de 12 annos de idade, que, lembrando-se de se suspender na parte trazeira do carro, este voltou-se, entrando o pobre rapaz de encontro á cadeia. A morte foi instantanea.

Gouveia.—Do canal do Salgueiro, proximo a Folgosoim, desapareceu uma cranchinha de am urva, que a máo tinha deixado a dormir em uma cabana. Suspeita-se que fosse devorada pelos lobos.

Guimarães.—Constituiu-se aqui um centro do partido regenerador escolhendo para presidente o sr. Antonio Motta Prego, 1.º secretario conego Ribeiro, 2.º secretario Dr. Pedro Guimarães, vogal Padre Antonio Hermanno, Dr. Alberto Faria, Alfredo Bravo e Abbade de Gemoes. Logo que ficou constituído, o seu primeiro acto foi enviar ao Chefe do Governo, um telegramma de calorosa adhesão felicitando o pelo resultado das eleições.

Leiria.—Muito brevemente ser trasladados os despojos mortuos dos reis D. Alfonso V e D. Alfonso I, para a máo da Isabel e do infante D. Alfonso, que se acham ha muito em caixões provisionarios na sala do Capitulo do mosteiro da Bataha, para o Pantheon de D. João I, que está prompto para os receber.

—Fugiram de Alcobaca mais tres boers.

—Em Alqueidão da Serra, logar do concheo de Porto de Moç, formou-se um centro nacional.

Meãõ Frio.—Cândido Victorino Queiroz, filho do proprietario Ramiro Victorino Queiroz, dispõz-se a ir para a caça; mas tendo pousado a espingarda n'uma escada, a arma resvalou, e, desfachando-se, foi ferido-o no ventre, matando-o.

Mirandella.—Tomou posse de juiz d'esta comarca o sr. dr. Francisco Ferraz Tavares de Pentes.

Nelas.—Os ladrões arboraram a porta da sacristia d'egreja, roubando muitos coroads de prata das imagens, ouro, 3 calices de prata, o vaso do sacratio com as particulas, e a caixa das esmoas. Não foram presos.

Novos Arcos.—Casou em Souzel o sr. Augusto Cesar de Oliveira Tavares, professor da escola normal districtal, com a sr. D. Amelia Silveira.

Povoá de Lanhoso.—Na freguezia de Frades, appareceu morta Rosa Delina de Carvalho, casada com José Francisco de Carvalho, que foi preso como presumido auctor do assassinio.

— A infeliz tórso e cabeça mutilados, parecendo terem as rendas sido feitos com um martello.

O criminoso mantinha ha oito annos relações com uma tal Thereza de Jesus, e as pretenções de casamento com ella e que o levaram a commetter o crime.

— Apesar das provas que o condemnem, e das declarações da amante, que muito o compromettam, tem negado terminantemente ter praticado o crime.

O criminoso foi algemado e conduzido ás cadeias de Braga.

Povoá de Varzim.—No theatro Garrett, realisou-se em breve um luzido espectáculo por um grupo de amadores, em beneficio do cofre da associacão dos bombeiros voluntarios d'esta villa.

Selxas.—Houve um violento incendio na fabrica de monegs e massas allimenticias, dos srs. Portella e Costa, na margem do rio Minho a 2 kilometros de castella, paralyzando o trabalho meo horas. Presume-se que alguma falha sahida da fornalha da caldeira ateesse fogo. A fabrica ardeu toda e estava segura em 11000000 réis com a companhia Fenix.

Thomar.—Em Cem Soldos, a 4 kilometros d'esta cidade, manifestou-se incendio em uma porção de cortiça pertencente a Maria Mendes Saldanha, paralyzando o trabalho meo horas na companhia Fenix Española.

Torres Vedras.—No Furado-ro, freguezia de Dois Portos, dos ruzapuz em de 19 annos Julio Firmo e outro de 17 Antonio Silverio, mataram a paulada outro de 18 annos chamado Thomaz de Miranda, deixando-o com o cráneo completamente fracturado. O crime foi praticado á noite, quando os trabalhos da vindima, e depois de uma questio sobre mulheres.

Vianna do Castello.—O sr. Domingos José de Moraes officiou á Assistencia Nacional aos Tuberculosos, sob a direcção de Sua Magestade a Rainha, offerecendo-se para construir aqui, á sua custa, um edificio proprio para receber 34

creanças de ambos os sexos, que estejam affectadas de tuberculose. O novo hospital deve custar 6000000 réis.

— A futura praça de banhos com o mesmo philantropico cavalleiro vai dotar esta cidade, está muito adiantada.

Villa Nova de Famalicão.—Partiu para o Rio de Janeiro, onde tenciona demorar-se alguns mezes, o importante capitalista sr. Anselmo Antonio de Azevedo e Castro de Gasto de Faria, do logar de Serroes, d'esta villa. Acompanha o sr. esposa.

—Baptisou-se na egreja matriz a filha do sr. Antonio Angelo Pinheiro da Gama, escrívão notario n'esta comarca. A neophyta recebeu o nome de Olga.

Fallecimentos

De 1 a 12 de outubro, falleceram:

Em Lisboa.—D. Raymunda Emma da Conceição Teixeira, o menino Manuel José Freitas Botelho, Manuel Krinita, Antonio Pinto, D. Josephina Vasques de Arroz, D. Eugénia Lima Rodrigues de Moraes, José de Sousa Castanho-Branco, D. Catharina da Conceição Bastos, dr. André Ricamun, Francisco Henriques de Azevedo, o soldado Domingos Alves, a meirã Maria Helena Calleya Castanheira, D. Belizinda Carolina Telles da Silveira Calleya, o general José Tiberno Rebelo, José Alfredo Silva Lagarto Carlos, D. Maria Inez, D. Dorothea Mar e Manuel Avelino «equiza Gomes, Anna Brágia, Joaquim dos Santos, Teófilo Augusto Navarro, D. Maria Isabel Zuchelli Coelho da Silva, D. Lucia Rosa Baptista, D. Caetano de Jesus Ferreira, Manuel Gomes Pessoa Lofter, José Maria Brágia, Joaquim Augusto Esteves, Alfredo Alves da Silva, António Elvira da Fonseca, José Loureiro Esteves, D. Anna Joaquina da Silva, Francisco Antonio do Rivino Pires, o general João de Figueiredo, Francisco José Maria Viçôlla, Manuel da Conceição Martins, D. Adelaide Sophia Cardoso, Antonio Gregia, J. do Carlos Gouveia, o padre José Antonio Serra, Hercúlio de Azevedo, o capitão maritimo Manuel Soares, Luiz Gregorio de Sá Magalhães, Feliciano Carlos Ribeiro Ferreira, Thomaz Alves Momena, Luiz Augusto Vello, D. Henrique da Silva, Antonio de Faria, Antonio Ribeiro Ferreira.

—No Porto.—D. Elvira Cardoso, D. Isabel Maria da Purificação Peixoto, o commerciante Luiz Marques da Nova, Antonio Ferreira Guimarães, Francisco José Maria Santos Fonseca, o capitalista Manuel Martins da Costa, Carlos Allão, Antonio Salles de Sousa Guedes, o pr. propietario Helio Correa da Silva, Joaquim José Avelino, D. Leantúda Lourenço Pinto da Silva, o proprietario José Gomes Cardia, o padre Antonio Ferreira Gonçalves, Manuel Joaquim Garcia, Seraphim Pinto Machado, Bernardino Ferreira dos Santos, o capitalista Bernardino Alves dos Santos, Antonio Miguel da Costa Basto F. de Azevedo.

—Algarveia a Villa.—Dionysio José d'Oliveira, Alacar do Sol—Joaõ Rodrigues.

—Alentejo.—D. João de Falcão, Falcão, Alcoléa—Emilio José Balbué Felix.

—Alentejo.—D. Marianna Ramos.

—Ang.—Victor dos Reis Macdonald, Antonio da Arrentella—Manuel Soares.

—Barreiro.—Zacharias de Sousa Miranda.

—Beja.—Antonio Monteiro de Aguiar, maior.

—Bragas.—D. Maria Candida Ramos Monteiro, D. Maria da Purificação Alves Ribeiro de Almeida, José Maria Gomes de Mattos.

—Bragança.—Francisco Antonio Martins.

—Buarco.—João Simões Chiva.

—Caldas de Boique.—Eduardo Ernesto Brazão Camanho, Campo Mayor—D. Maria do Nascimento Aguiar Serra.

—Cantanhão.—João de Carvalho, proprietario, da freguezia da Beira—Manuel d'Almeida Queiroz.

—Coimbra.—Padre Luiz Au, ausado em Ermagnão João Henri Duarte.

—Columbra.—Gertrudes Martins Gillo, Estarreja—J. do da Camarã.

—Estarreja.—Isabella da Nazareth d'Almeida Ferreira.

—Evora.—Rita Coelho, D. Rachel Alves.

—Feira—D. Juana Martins Soares Leira.

—Figueira da Foz.—F. de Aguiar do Rego Lima.

—Freixo de Numão.—Dr. Jacintino Fernandes Pinto.

—Gouveia.—D. Joaquina Marques da Cunha.

—Guimarães.—Domingos Ribeiro da Costa Sampaio, Ilhavo—José Casqueiro.

—Lagos.—D. Anna de Riquelme, proprietaria; o menino Renato Paçollet Berger, D. Maria d'Isabel Nobres, D. Anna Pinto Ferreira, proprietaria.

—Lagoa de Palmeira.—D. Maria do Carmo Albuquerque.

—Lagoa de Palmeira.—D. Maria do Rosario Bello Pereira.

—Lagoa.—D. Rita Meira.

—Mattosinhos.—D. Maria Vieira.

—Meãõ Frio.—Cândido Victorino Queiroz.

—Mirandella.—João Francisco Netto.

—Montalvão.—Francisco Antonio de Sousa Guimarães.

—Odivellas.—José Luiz Martins da Mota.

—Oeiras.—D. Maria Barbara da Fonseca Vianna do Amaral, D. Maria de Fátima de Sousa.

—Paranhos.—José Cândido d'Almeida Abrantes, proprietario.

—Ponte de Lima.—D. Marianna do Rosario Leites, Thomaz Augusto Ferreira, Antonio de Aguiar, proprietario.

—Povoá de Lanhoso.—Manuel da Silva Leiza, proprietario; D. Maria Alvares Vieira Lisboa, D. Rosa Delina de Carvalho.

—Povoá do Varzim.—D. Anna Ferreira Lopes.

—Redondo.—Antonio Maria Queimado.

—Santo Amaro.—D. Maria do Carmo Abreu Ferreira.

—Santa Comba—D. Arthur Gomes Paes.

—Santa Therys—Joaõ Machado de Faria e Almeida.

—Santarem.—Francisca Salles Gomes.

—Santal.—Jesusa Maria da Conceição.

—Sobral.—Augusto Vieira Soares de Castro, D. Cosette Lybia da Vieira, Anna de Aguiar, proprietaria.

—Taboão.—Fiel Eduardo Rebelo.

—Terra do Bourro.—Joaquim Sevelino Heitor Araujo, proprietario.

—Trancoso.—Antonio José Costa e Almeida, proprietario.

—Vila de Lousã.—D. Theozza de Aguiar Araujo.

—Villa Nova de Xras—D. Carlos dos Santos Silva.

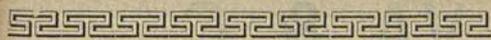
—Villarmão.—D. Sebastião Augusta Basto.

—Villa Nova de Corveira.—D. Emilia Carolina de Faria Cavada.

—Villa Nova de Portimão.—D. Angelina Pinho.

—Vila Rica.—Luiz de Aguiar, proprietario.

—Vizeu.—Diogo d'Almeida Severino de Vasconcelos, capitão de infantaria.



Agencia Financieira

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

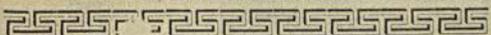
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saque sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa



Exportadores
para todos os Estados
do Brasil

Officinas montadas
com todas as melhora-
mentos modernas

AGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHOS
PINTO
CAIXA DE Correio-694

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Sede social: R. da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM B'LEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS

Auctorizada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245
de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo segurado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações da seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabeellas e relatorios que são encontrados em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO



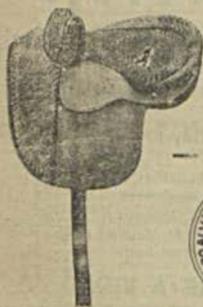
FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO



Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COURO,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO

PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES



VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO



P. Marinho y

